CLÁSSICOS DA ANTIGUIDADE TARDIA • EDIÇÃO ILUSTRADA

A Vida de São Martinho

De vita beati Martini

Sulpício Severo



Edição integral em Português de Portugal contemporâneo, acompanhada de contexto histórico pelo Narrador e 14 ilustrações

Índice

Introdução Nota de Abertura do Narrador: O Homem por trás da Lenda 5

Carta Dedicatória Carta do Autor ao seu amigo Desidério sobre a Vida de São Martinho 8

Capítulo I Porque vale mais uma vida santa do que a fama de Heitor ou de Sócrates 11

Capítulo II Da Panónia a Itália: O rapaz que fugia para a igreja e foi levado acorrentado para o exército 14

Capítulo III A capa cortada a meio às portas de Amiens e a visão de Cristo 18

Capítulo IV O frente a frente com Juliano em Worms: «Sou soldado de Cristo, não posso combater» 22

Capítulo V Santo Hilário de Poitiers, o cargo de exorcista e a emboscada dos assaltantes nos Alpes 26

Capítulo VI O encontro com o Diabo na estrada, os açoites em público e o veneno na Ilha Galinária 29

Capítulo VII O mosteiro de Ligugé e o primeiro milagre: O catecúmeno que voltou à vida 31

Capítulo VIII O jovem escravo de Lupicino salvo da morte 34

Capítulo IX O «rapto» para ser bispo de Tours e a humilhação do bispo Defensor 35

Capítulo X O bispo que vivia numa cabana de madeira: A fundação de Marmoutier 38

Capítulo XI O falso mártir desmascarado: O espírito do criminoso junto ao altar 41

Capítulo XII O funeral pagão imobilizado no meio do campo 43

Capítulo XIII O desafio do pinheiro sagrado: Amarrado debaixo da árvore a cair 45

Capítulo XIV O fogo que recuou contra o vento e os dois anjos armados em Levroux 49

Capítulo XV O pescoço descoberto diante da espada na terra dos Éduos 51

Capítulo XVI A rapariga paralítica curada em Tréveris com azeite abençoado 53

Capítulo XVII O antigo procônsul Tetrádio e os dedos de Martinho na boca de um possesso 55

Capítulo XVIII O boato falso da invasão bárbara, o beijo ao leproso em Paris e os fios da túnica 57

Capítulo XIX A carta que curou a filha de Arbório, os olhos de Paulino de Nola e a queda das escadas 60

Capítulo XX O banquete do imperador Magno Máximo: A taça passada ao padre antes do imperador 62

Capítulo XXI Conversas com os anjos e o Diabo com o corno de boi cheio de sangue 66

Capítulo XXII Os disfarces de Júpiter, Mercúrio e Vénus — e a promessa de perdão ao próprio Diabo 68

Capítulo XXIII A história de Claro, o falso profeta Anatólio e a túnica que se desfez no ar 70

Capítulo XXIV Os falsos Cristos na Hispânia e o Diabo vestido de Imperador: «Não reconhecerei Cristo sem as marcas da Cruz» 73

Capítulo XXV A visita do Autor a São Martinho: O bispo que lavou os pés ao seu biógrafo 76

Capítulo XXVI O retrato interior: A bigorna do ferreiro e a paciência com os seus próprios padres 80

Capítulo XXVII Conclusão: Um rosto luminoso e a resposta aos bispos invejosos 82

Epílogo do Narrador O que aconteceu a seguir: A morte de São Martinho e a origem do 11 de Novembro 84

Sobre esta edição 87

INTRODUÇÃO

Nota de Abertura do Narrador: O Homem por trás da Lenda

Em grande parte da Europa, basta chegar o dia 11 de novembro para o nome de São Martinho voltar às conversas, trazendo consigo o cheiro das castanhas assadas, o vinho novo, os cortejos de lanternas e aqueles dias de sol ameno fora de época a que tantos povos chamam «Verão de São Martinho». Quase toda a gente conhece a imagem do jovem soldado romano a cavalo que, num dia de inverno gelado, cortou a capa a meio com a espada para agasalhar um mendigo cheio de frio.

O que pouca gente sabe é que São Martinho de Tours (c. 316/336 – 397 d.C.) não é uma figura vaga saída das lendas medievais. Pelo contrário: é uma das personalidades mais bem documentadas do final do Império Romano. A sua biografia — *A Vida de São Martinho* (*De vita beati Martini*) — foi escrita quando ele ainda era vivo, por um homem que o conheceu pessoalmente, comeu à sua mesa e conversou longamente com ele: **Sulpício Severo**.

Sulpício Severo (c. 363 – c. 425) era um advogado brilhante, orador reputado e aristocrata da Aquitânia, no sudoeste da atual França. Quando decidiu escrever este livro, por volta de 396, o Império Romano do Ocidente atravessava uma mudança profunda. O cristianismo deixara de ser uma religião perseguida para passar a ser a fé oficial dos imperadores; nas cidades multiplicavam-se bispos influentes, vestidos de seda e habituados aos jantares da corte, enquanto nas aldeias do interior (*pagi*) as populações rurais continuavam a venerar árvores sagradas e os velhos deuses celto-romanos.



Mapa Histórico: O Mundo de São Martinho no Século IV — da terra natal em Sabária (Panónia) e da juventude militar em Ticino, Amiens e Worms, até aos mosteiros de Ligugé e Marmoutier e à diocese de Tours.

No meio desse mundo em transformação, Martinho era um verdadeiro escândalo para as elites: um antigo oficial da guarda imperial que recusou combater cara a cara perante o futuro imperador Juliano, que foi levado por engano pelo povo para ser bispo de Tours, mas nunca aceitou viver num palácio episcopal, preferindo uma cabana de madeira e uma túnica áspera de pelo de camelo. Era um homem que beijava leprosos às portas de Paris, fazia frente a imperadores em Tréveris, desmascarava charlatães e chegava ao ponto de chocar os teólogos mais rígidos ao dizer que até o próprio Diabo seria perdoado por Deus se fosse capaz de se arrepender.

Nesta edição, o texto integral de Sulpício Severo surge reescrito num **português de Portugal contemporâneo, claro e natural**,

mantendo fielmente todos os episódios e detalhes do original latino. No final de cada capítulo, acompanho-te como narrador para explicar os costumes militares romanos, a geografia da época, os bastidores políticos e a cultura do século IV — pormenores que eram óbvios para os leitores do tempo de Sulpício, mas que hoje nos ajudam imenso a perceber a força extraordinária desta história.

CARTA DEDICATÓRIA

Carta do Autor ao seu amigo Desidério sobre a Vida de São Martinho

Severo cumprimenta com grande estima o seu querido irmão Desidério.

Meu irmão e grande amigo: eu tinha decidido guardar na gaveta, fechado entre as quatro paredes lá de casa, este pequeno livro que escrevi sobre a vida de São Martinho. Como sou inseguro por natureza, queria poupar-me à crítica das pessoas. Tinha receio — e continuo a achar que é o que vai acontecer — de que a minha escrita pouco trabalhada desagradasse aos leitores e de que toda a gente me censurasse por ter tido o atrevimento de pegar num tema que merecia escritores com outro talento. Mas insististe tanto comigo que não fui capaz de te dizer que não. Afinal, o que é que eu não faria pela nossa amizade, mesmo pondo em risco a minha reputação?

Entreguei-te, portanto, este pequeno livro confiando na tua promessa de que não o vais mostrar a mais ninguém. Ainda assim, confesso o meu receio de que sejas tu a abrir-lhe a porta para o mundo — e, depois de ele sair cá para fora, já não há maneira de o fazer voltar para trás.

Se isso acontecer e vires que algumas pessoas começam a lê-lo, pede-lhes por favor que deem mais importância aos acontecimentos do que ao estilo, e que tenham paciência se alguma frase menos elegante lhes soar mal ao ouvido; afinal, o Reino de Deus não assenta na arte de falar bem, mas na fé. Que se lembrem também de que a salvação do mundo não foi anunciada por grandes oradores, mas por pescadores — embora Deus, se achasse que isso servia para alguma coisa, também pudesse perfeitamente tê-lo feito através de oradores.

A verdade é que, quando decidi pôr mãos à obra por achar que seria imperdoável deixar cair no esquecimento as qualidades de um homem tão extraordinário, prometi a mim mesmo não ficar envergonhado se deixasse escapar algum erro de gramática. Nunca fui grande especialista na arte das letras e, mesmo o pouco que estudei noutros tempos, já o esqueci por falta de prática ao fim de tantos anos.

Ainda assim, para me poupares ao incómodo de ter de me justificar, se quiseres publicar o livro, apaga o meu nome. Basta raspares a assinatura na primeira folha para que a página fique muda — ou melhor, que é tudo o que importa: que o livro fale apenas da história que conta e cale o nome de quem o escreveu.

> **Contexto do Narrador: A falsa modéstia de um grande advogado e os livros «raspados»**
>
> Não nos deixemos enganar pela modéstia literária de Sulpício Severo! Quando pede desculpa pela «escrita pouco trabalhada» e por possíveis «erros de gramática» (*soloecismi*), está a recorrer a uma técnica clássica da oratória romana chamada *captatio benevolentiae* — a arte de conquistar a simpatia do leitor fingindo humildade. Na realidade, Sulpício era um dos juristas e autores mais cultos da Gália romana, a ponto de os humanistas do Renascimento lhe chamarem o «Salústio cristão» pela qualidade do seu latim.
>
> Havia, no entanto, um debate muito real por trás destas palavras: no final do século IV, a elite romana formada nas escolas clássicas olhava de lado para os textos da Bíblia por estarem escritos num latim simples e direto, muito distante da prosa sofisticada de Cícero. Ao lembrar que o Evangelho foi anunciado «não por grandes oradores, mas por pescadores», Sulpício defende que a verdade histórica e espiritual conta muito mais do que o brilho literário.
>
> Repara também no detalhe prático no fecho da carta: *«basta raspares a assinatura na primeira folha»* (*titulum fronti erade*). Na Antiguidade Tardia ainda não havia imprensa; publicar um livro significava mandar um manuscrito em pergaminho a um amigo bem relacionado — aqui, Desidério,

outro aristocrata cristão da Aquitânia — para que os copistas da casa dele fizessem novas cópias. Como o pergaminho (pele de animal tratada) era caro e muito resistente, apagar o nome do autor fazia-se literalmente raspando a tinta seca com uma lâmina ou pedra-pomes. Claro que Desidério não raspou nome nenhum: espalhou o livro por todo o lado, e a obra tornou-se o primeiro grande sucesso de vendas da literatura cristã ocidental!

CAPÍTULO I

Porque vale mais uma vida santa do que a fama de Heitor ou de Sócrates

Muita gente, obcecada com os estudos mundanos e com o desejo de prestígio, convenceu-se de que conseguiria imortalizar o seu próprio nome se escrevesse a biografia de figuras célebres. É verdade que esse esforço não lhes deu a eternidade, mas sempre lhes trouxe um pouco daquilo que procuravam: por um lado, deixavam o seu nome lembrado no mundo, ainda que isso pouco valha; por outro, ao contarem a vida de homens notáveis, despertavam nos leitores uma grande vontade de seguir esses exemplos. Só que nada disso servia para alcançar a vida verdadeiramente feliz e eterna.

De que lhes valeu, afinal, a fama dos seus livros, destinada a desaparecer juntamente com este mundo? E que proveito tiraram as gerações seguintes de ler os combates de Heitor ou as discussões filosóficas de Sócrates? Querer imitá-los já é uma tolice; não combater essas ideias com firmeza é pura insensatez. Como mediam a vida humana apenas pelo que se faz cá na terra, puseram a sua esperança em lendas e entregaram a alma ao túmulo. Acreditavam que bastava sobreviver na memória das pessoas, quando o verdadeiro objetivo do ser humano devia ser procurar uma vida eterna e não uma fama eterna — coisa que não se conquista a escrever, a guerrear nem a filosofar, mas a viver com retidão, bondade e fidelidade a Deus.

Esse equívoco, transmitido de geração em geração através dos livros, teve tanta força que levou imensa gente a imitar ora essa filosofia vazia, ora esse falso ideal de bravura guerreira. Por isso mesmo, acho que vale bem a pena escrever a biografia de um homem verdadeiramente santo, que possa servir de inspiração a outros no futuro. Ao lê-la, quem sabe se muitos não se sentirão chamados à verdadeira sabedoria, ao serviço de

Deus e a uma vida íntegra. E, ao fazê-lo, também penso no meu próprio bem: não espero ficar famoso entre os homens, mas receber de Deus uma recompensa duradoura. Porque, mesmo que eu próprio não tenha sabido viver de maneira a dar o exemplo, fiz pelo menos o que estava ao meu alcance para dar a conhecer alguém que merece mesmo ser imitado.

Vou, então, começar a contar a vida de São Martinho, mostrando quem ele foi tanto antes de ser bispo como depois de assumir a diocese. É claro que não consegui descobrir tudo o que ele fez: os episódios a que só ele assistiu continuam em segredo, porque Martinho nunca procurou elogios e, se dependesse apenas dele, teria preferido esconder todas as suas boas ações. Aliás, mesmo daquilo que chegou aos meus ouvidos deixei muita coisa de fora, pois achei que bastava escolher os momentos mais marcantes — até para não cansar quem lê com casos a mais. Peço apenas aos leitores que confiem no que aqui está escrito e tenham a certeza de que não pus nada no papel sem antes o confirmar muito bem. Se tivesse dúvidas, preferia ter ficado calado a contar mentiras.

> **Contexto do Narrador: Heitor, Sócrates e a invenção de um novo modelo de herói**
>
> Neste capítulo de abertura, Sulpício Severo fala diretamente para o público culto do Império Romano. Na escola romana do século IV, toda a educação girava à volta de duas grandes referências: a epopeia guerreira de Homero — representada por **Heitor**, o herói troiano da *Ilíada* — e a tradição filosófica grega — representada por **Sócrates**.
>
> Ao contrapô-los a Martinho, Sulpício está a lançar uma pequena revolução cultural: propõe trocar o herói de guerra e o filósofo antigo por um novo modelo humano — o homem de fé que se alista na *coelestis militia*, o «serviço militar do Céu». Nota também o compromisso final do capítulo: como antigo advogado habituado a provar factos em tribunal, Sulpício

garante que só incluiu relatos recolhidos junto de testemunhas diretas de confiança ou ouvidos da boca do próprio Martinho.

CAPÍTULO II

Da Panónia a Itália: O rapaz que fugia para a igreja e foi levado acorrentado para o exército

Martinho nasceu em Sabária, uma cidade da província da Panónia, mas cresceu em Itália, em Ticino. A família tinha uma boa posição social para os padrões da época, mas os pais eram pagãos. O pai tinha começado a vida militar como simples soldado e subira depois até ao posto de tribuno militar.

Na juventude, também o próprio Martinho seguiu a carreira das armas, servindo na cavalaria da guarda imperial durante o reinado do imperador Constâncio e, a seguir, sob o comando do César Juliano. Não foi, contudo, por escolha sua: desde muito pequeno que aquele rapaz extraordinário só pensava em servir a Deus. Tinha apenas dez anos quando, contra a vontade dos pais, fugiu para uma igreja e pediu que o aceitassem como catecúmeno. Pouco tempo depois, já inteiramente virado para as coisas de Deus de uma forma impressionante para a idade, aos doze anos sonhava ir viver como eremita para o deserto — e tê-lo-ia feito se não fosse ainda tão novo e frágil. Mesmo assim, com a cabeça sempre nos mosteiros ou na igreja, já em criança trazia no coração aquilo que mais tarde havia de concretizar com tanta entrega.

Entretanto, os imperadores publicaram um decreto que obrigava os filhos dos antigos militares a alistarem-se no exército. O próprio pai de Martinho — que não suportava ver a inclinação religiosa do filho — denunciou-o e entregou-o às autoridades. Foi assim que, com apenas quinze anos, Martinho se viu preso, acorrentado e forçado a prestar juramento militar. Levou consigo apenas um escravo para o acompanhar, mas inverteu por completo os papéis habituais: era o patrão que servia o servo. Na maior parte das vezes, era o próprio Martinho quem lhe tirava as botas e as limpava, e sentavam-se os dois a

comer juntos à mesma mesa, quase sempre com Martinho a servir a refeição.



Em Ticino (Pavia), o jovem soldado Martinho, de apenas quinze anos, inverte a hierarquia romana e ajoelha-se na tenda para descalçar e limpar as botas militares do seu próprio servo.

Passou quase três anos na tropa antes de ser batizado, mas manteve-se sempre longe dos vícios em que os soldados costumam cair. Tratava os companheiros de armas com uma bondade imensa e uma generosidade fora do comum, e tinha uma paciência e uma humildade que pareciam acima das forças humanas. Quanto à simplicidade com que vivia, nem é preciso gabar-lha: levava uma vida tão austera que, já nessa altura, mais parecia um monge do que um militar. Com esta maneira de ser, conquistou de tal modo os colegas de quartel que todos tinham por ele um respeito e um carinho enormes.

Mesmo sem ter ainda recebido o batismo, já vivia na prática como um verdadeiro cristão pelas obras que fazia: ajudava quem estava em dificuldades, acudia aos mais infelizes, dava de comer a quem passava fome e roupa a quem não tinha que vestir. Do salário do exército não guardava nada para si além do indispensável para comer em cada dia; já nessa altura levava a sério as palavras do Evangelho e não andava preocupado com o dia de amanhã.

> **Contexto do Narrador: Tropas de elite, recrutamento à força e o oficial que limpava as botas ao escravo**
>
> Há aqui vários pormenores históricos fascinantes sobre o século IV:
>
> 1. **Geografia: Sabária** (*Sabaria*), onde Martinho nasceu (em 316 segundo a cronologia tradicional, ou por volta de 336 segundo estudos mais recentes), corresponde à atual cidade de Szombathely, na Hungria, que fazia parte da província romana da Panónia. Já **Ticino** (*Ticinum*), onde cresceu, é hoje **Pavia**, no norte de Itália, na altura uma importante cidade militar.
>
> 2. **O pai tribuno e a denúncia dentro de casa:** O pai de Martinho tinha subido a pulso no exército romano: começara como soldado raso (*miles*) e chegara a **tribuno militar** (*tribunus militum*), um oficial superior com estatuto equestre e bom rendimento. No final do Império Romano, como faltavam sempre homens para defender as fronteiras, o Estado criou leis hereditárias que obrigavam os filhos de veteranos a seguir a carreira das armas. Para um velho oficial pagão, devoto dos deuses da guerra, ver o filho de 15 anos querer ser monge cristão era uma vergonha inaceitável — e por isso foi o próprio pai a entregá-lo aos recrutadores para o levarem algemado!
>
> 3. **A Guarda Palatina (*scholares alae*):** Martinho não foi parar a uma unidade vulgar de infantaria, mas às *Scholae Palatinae*, a cavalaria de elite que fazia a escolta direta ao Imperador (**Constâncio II**, filho de Constantino) e ao César (**Juliano**). Eram tropas de prestígio, bem pagas e com direito a criado pessoal.

4. **O que era um «catecúmeno»?** No século IV, raramente se batizavam bebés. Quem se queria tornar cristão entrava primeiro no *catecumenato* — uma etapa de vários anos de preparação espiritual e prova moral.

5. **A inversão de papéis com o escravo:** Na sociedade romana, descalçar e raspar a lama das pesadas botas militares (*caligae* ou *calciamenta*) era a tarefa mais baixa de um escravo. Ver um jovem oficial da guarda imperial limpar as botas ao seu próprio servo e servi-lo à mesa era algo completamente impensável para a mentalidade da época.

CAPÍTULO III

A capa cortada a meio às portas de Amiens e a visão de Cristo

Certa vez, numa altura em que já não tinha consigo mais nada além das armas e de uma simples capa militar, a meio de um inverno muito mais rigoroso do que o normal — com um frio tão violento que muita gente morria gelada nas ruas —, Martinho cruzou-se às portas da cidade de Amiens com um homem pobre, completamente despido. O mendigo pedia a quem passava que tivesse pena dele, mas toda a gente seguia em frente sem lhe ligar nenhuma. Aquele jovem cheio de fé percebeu logo que, se mais ninguém acudia àquele desgraçado, Deus o tinha deixado ao seu cuidado.

Mas o que podia ele fazer? Já não trazia mais nada além da capa militar que levava vestida, porque tinha dado tudo o resto a outros necessitados. Puxou então da espada que trazia à cintura, cortou a capa exatamente a meio, entregou metade ao pobre e voltou a pôr pelos ombros o pedaço que sobrava. À volta, alguns dos que assistiam à cena desataram a rir, achando ridícula a figura de um soldado com metade do manto cortado; muitos outros, porém, com mais consciência, sentiram uma profunda vergonha por não terem feito nada parecido, quando tinham posses de sobra para vestir aquele homem sem passarem frio.



Às portas de Amiens, num inverno gelado, Martinho corta a meio com a espada a sua capa branca e escarlate da Guarda Palatina para agasalhar um pobre despido na neve.

Na noite seguinte, depois de adormecer, Martinho viu em sonho Cristo vestido precisamente com a metade da capa que ele tinha dado ao mendigo. Sentiu que lhe pediam para olhar bem para o Senhor e reconhecer a peça de roupa que tinha oferecido. Logo a seguir, ouviu Jesus dizer em voz bem clara para a multidão de anjos à sua volta: «Martinho, que ainda é apenas catecúmeno, vestiu-me com esta capa!»

Fiel às palavras que Ele próprio tinha dito no Evangelho — *«Sempre que fizeram isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim que o fizeram»* —, o Senhor mostrava assim que tinha sido Ele mesmo a ser agasalhado na pele daquele pobre; e, para confirmar o valor daquele gesto, quis aparecer vestido com o exato pedaço de pano que o mendigo

recebera. Apesar desta visão, Martinho não ficou cheio de vaidade. Pelo contrário: reconhecendo em tudo aquilo a bondade de Deus, mal fez dezoito anos tratou logo de ser batizado. Ainda assim, não deixou imediatamente o exército porque cedeu aos pedidos insistentes do seu tribuno, de quem era grande amigo e companheiro de tenda; é que este comandante lhe prometia que, assim que acabasse o tempo da sua comissão militar, também ele deixaria a vida do mundo. Agarrado a essa promessa, Martinho manteve-se na tropa durante quase mais dois anos depois do batismo, embora já só fosse soldado no nome.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: A capa militar, a origem da palavra «capela» e o Verão de São Martinho**
>
> Acabámos de ler o episódio mais famoso da vida de São Martinho, passado às portas de *Samarobriva Ambianorum* — a atual cidade de **Amiens**, no norte de França — durante um inverno gelado da década de 330 ou de 350. Há três curiosidades que dão ainda mais vida a esta cena:
>
> 1. **Porque é que Martinho cortou a capa a meio em vez de a dar inteira?** Na guarda imperial romana, o manto militar branco ou escarlate (*chlamys*, muitas vezes forrado com pele de ovelha no inverno) fazia parte da farda regulamentar: metade pertencia ao Estado romano e a outra metade era paga pelo soldado. Se um militar se apresentasse na formatura completamente sem capa, era castigado por extravio de equipamento! Ao cortá-la a meio com a espada, Martinho deu tudo o que lhe pertencia e guardou a parte obrigatória — ficando com um ar tão caricato (*truncatus habitu*) que fez rir quem passava.
>
> 2. **Como a meia-capa de Martinho deu origem às palavras «capela» e «capelão»:** Séculos mais tarde, este meio manto de São Martinho (a que chamavam em latim tardio *cappa*, «pequena capa») tornou-se a relíquia mais preciosa dos reis francos, que até a levavam para as batalhas. O pequeno santuário onde guardavam a *cappa* de São Martinho começou a chamar-se *capella* («o lugar da capinha»), e os padres encarregados de tomar conta dela eram os *capellani*. Foi daí que nasceram diretamente as palavras **capela** e **capelão**!

3. **E o «Verão de São Martinho»?** Como vês no texto original de Sulpício Severo, no século IV ainda não havia a lenda de o sol ter rompido as nuvens naquele instante. Essa tradição popular surgiu séculos depois, quando a festa do funeral de São Martinho (a **11 de novembro**) passou a coincidir com o fenómeno meteorológico habitual de meados de novembro — uns dias seguidos de sol quente e céu limpo antes do inverno —, juntando para sempre o calor humano do gesto da capa ao sol de outono.

CAPÍTULO IV

O frente a frente com Juliano em Worms: «Sou soldado de Cristo, não posso combater»

Entretanto, os povos bárbaros invadiram a Gália. O César Juliano juntou então o exército perto da cidade dos Vangiões e começou a distribuir aos soldados um prémio extraordinário em dinheiro. Como era habitual, os militares iam sendo chamados um a um pelo nome, até que chegou a vez de Martinho.

Percebendo que aquela era a altura certa para pedir a dispensa do exército — até porque achava desonesto aceitar o dinheiro sabendo que não ia entrar em combate —, Martinho falou diretamente a Juliano: «Até hoje estive ao teu serviço; deixa-me agora servir a Deus. Fique com o teu prémio quem vai para a batalha; eu sou soldado de Cristo, não posso combater.»



Em Worms (356 d.C.), diante da tribuna militar e dos cofres de ouro do César Juliano, Martinho recusa o prémio de campanha: «Até hoje estive ao teu serviço; deixa-me agora servir a Deus. Sou soldado de Cristo, não posso combater.»

Ao ouvir aquilo, o tirano ficou furioso e atirou-lhe à cara que não era por fé que ele queria deixar a tropa, mas por medo da batalha marcada para o dia seguinte. Martinho, sem se deixar intimidar — e ganhando até mais firmeza diante daquelas ameaças —, respondeu-lhe: «Se achas que isto é cobardia e não fé, amanhã apresento-me desarmado na primeira fila, à frente das nossas tropas; e em nome do Senhor Jesus, sem escudo nem capacete, protegido apenas pelo sinal da cruz, avançarei sem medo pelo meio das linhas inimigas.»

Juliano mandou prendê-lo imediatamente para o obrigar a cumprir a palavra no dia seguinte, frente aos bárbaros e sem armas. Mas, logo pela

manhã, os inimigos enviaram emissários a pedir a paz, rendendo-se incondicionalmente e entregando tudo o que traziam.

Perante isto, quem pode duvidar de que aquela vitória se deveu a Martinho, poupado assim por Deus de ser atirado desarmado para a frente de combate? É claro que o Senhor, na sua bondade, podia perfeitamente proteger o seu soldado são e salvo no meio das espadas e das lanças inimigas; mas quis evitar a própria batalha para que nem os olhos de Martinho tivessem de assistir à morte de outros homens. Afinal, que outra vitória haveria Cristo de dar ao seu soldado senão esta: vencer o inimigo sem derramar uma gota de sangue e sem que morresse ninguém?

> **Contexto do Narrador: O prémio em ouro, Juliano o Apóstata e um dos primeiros objetores de consciência**
>
> Estamos no ano de **356 d.C.**, em *Borbetomagus*, a cidade do povo dos Vangiões — a atual **Worms**, nas margens do rio Reno, na Alemanha. Tribos germânicas (Alamanos e Francos) tinham atravessado o Reno e saqueado várias cidades da Gália.
>
> À frente das tropas romanas está **Juliano César**, sobrinho de Constantino, que poucos anos mais tarde chegaria a imperador e ficaria conhecido na História como **Juliano, o Apóstata** (361–363), por ter tentado restaurar o paganismo no Império Romano e retirar os privilégios aos cristãos — razão pela qual Sulpício lhe chama duramente «o tirano» (*tyrannus*).
>
> Para medir a coragem de Martinho, convém perceber o que era este prémio militar (*donativum*): além do soldo normal (*stipendium*), na véspera de uma campanha importante o comandante entregava em mão uma generosa quantia em moedas de ouro a cada soldado. Aceitar o *donativum* equivalia a renovar o compromisso de honra de lutar até à morte na batalha seguinte. Se Martinho recebesse o ouro e depois se recusasse a pegar na espada, seria executado por deserção e roubo; ao recusar o dinheiro em público, com o exército inteiro perfilado, desafiou abertamente a autoridade de Juliano,

protagonizando um dos casos mais célebres de objeção de consciência da Antiguidade.

CAPÍTULO V

Santo Hilário de Poitiers, o cargo de exorcista e a emboscada dos assaltantes nos Alpes

Assim que deixou a vida militar, Martinho foi ter com Santo Hilário, bispo de Poitiers, um homem cuja fé e sabedoria religiosa eram nessa época admiradas por toda a gente, e ficou algum tempo com ele. Hilário quis mantê-lo por perto e integrá-lo no clero da diocese, ordenando-o diácono. Mas Martinho recusou vez após vez, insistindo que não era digno de tamanho cargo. Hilário, que era um homem de enorme perspicácia, percebeu que só havia uma maneira de o convencer: dar-lhe uma função tão modesta que parecesse quase um rebaixamento. Propôs-lhe então que fosse exorcista; e dessa vez Martinho aceitou, para não dar a impressão de desprezar o posto por ser demasiado humilde.

Pouco tempo depois, sentiu-se avisado num sonho de que devia ir visitar a sua terra natal e os pais, que continuavam ligados ao paganismo, para tentar ajudá-los na fé. Partiu com autorização de Santo Hilário, que só o deixou ir depois de lhe arrancar, entre pedidos e lágrimas, a promessa de que regressaria. Consta que Martinho se fez à estrada de coração pesado, avisando os companheiros de que ia passar por muitos trabalhos — coisa que a viagem depressa confirmou.

Para começar, ao apanhar uns atalhos isolados na travessia dos Alpes, caiu numa emboscada de salteadores. Um deles chegou mesmo a levantar o machado para lhe abrir a cabeça, mas outro assaltante travou-lhe o braço no último instante. Mesmo assim, ataram-lhe as mãos atrás das costas, roubaram-lhe o que levava e deixaram-no à guarda de um dos homens do bando. Este levou-o para um canto afastado e pôs-se a perguntar-lhe quem ele era. Martinho respondeu que era cristão. O assaltante perguntou-lhe se estava com medo. Com toda a calma, Martinho garantiu-lhe que nunca se tinha sentido tão

seguro na vida, porque sabia que a proteção de Deus nunca falta sobretudo nos momentos de maior aperto; e acrescentou que sentia antes pena dele, que, por andar metido na vida do crime, se afastava da misericórdia de Cristo.



Nos desfiladeiros dos Alpes, de mãos atadas atrás das costas, Martinho fala serenamente do Evangelho ao assaltante que o vigiava de machado na mão e acaba por o converter.

Ali mesmo, pôs-se a explicar-lhe o Evangelho e a falar-lhe da palavra de Deus. Escusado será alongar a história: o ladrão acreditou no que ouviu, acompanhou Martinho até o deixar outra vez em segurança na estrada principal e despediu-se dele a pedir que rezasse por si. Mais tarde, soube-se que esse homem tinha mudado completamente de vida e entrado para a vida religiosa — aliás, diz-se que todo este episódio chegou até nós contado pela sua própria boca.

🎙️ Contexto do Narrador: A inteligência de Santo Hilário e porque é que ser «exorcista» era um lugar modesto

Santo Hilário de Poitiers (c. 315–367) era a grande referência intelectual da Igreja na Gália — um teólogo notável e o verdadeiro mestre espiritual de Martinho.

Há neste capítulo um pormenor que costuma estranhar a quem hoje vê filmes de terror: porque é que Martinho recusou ser **diácono** por se achar indigno, mas aceitou ser **exorcista** por ser uma função humilde? Na Igreja do século IV, os **diáconos** eram o braço direito do bispo: geriam as contas da diocese, organizavam o apoio aos pobres e tinham enorme peso social. Já o **exorcista** pertencia às chamadas «ordens menores»: era uma tarefa discreta e subalterna, dedicada a acompanhar os catecúmenos, cuidar da igreja e dar assistência às pessoas perturbadas ou dadas como possessas que viviam à margem da comunidade. Hilário usou uma psicologia brilhante: percebeu que um cargo de prestígio faria Martinho fugir, mas que ele nunca recusaria o degrau mais baixo da igreja para não parecer orgulhoso!

CAPÍTULO VI

O encontro com o Diabo na estrada, os açoites em público e o veneno na Ilha Galinária

Continuando caminho, depois de passar por Milão, o Diabo apareceu-lhe na estrada sob a figura de um homem e perguntou-lhe para onde ia. Quando Martinho lhe respondeu que ia para onde o Senhor o chamava, o Diabo avisou-o: «Vás para onde fores e tentes o que tentares, o Diabo há de pôr-se sempre no teu caminho!» Martinho respondeu-lhe logo com o versículo do Salmo: *«O Senhor está do meu lado; não tenho medo do que me possam fazer os homens.»* E, naquele preciso instante, o inimigo desapareceu à sua frente.

Chegado finalmente à terra natal, conseguiu cumprir parte do que tanto desejava: levou a mãe a deixar o paganismo e a abraçar a fé, embora o pai teimasse em não mudar de vida. Pelo caminho, porém, o exemplo de Martinho levou muitas outras pessoas a converterem-se.

Nessa altura, a heresia ariana tinha alastrado por todo o Império e dominava sobretudo a região do Ilírico. Quase sozinho, Martinho enfrentou com enorme coragem os bispos locais que defendiam essa doutrina. Pagou caro essa frontalidade: foi duramente perseguido, chicoteado com varas em praça pública e, no fim, expulso da cidade. Voltou então para Itália, mas ao saber que na Gália a Igreja também atravessava grandes dificuldades porque os hereges tinham conseguido mandar Santo Hilário para o exílio, resolveu estabelecer um pequeno mosteiro em Milão. Mesmo aí não teve sossego: Auxêncio, o principal líder dos arianos na cidade, moveu-lhe uma perseguição feroz e, depois de o sujeitar a todo o tipo de insultos e abusos, pô-lo fora de Milão.

Achando mais sensato esperar que a tempestade passasse, Martinho retirou-se para uma pequena ilha chamada Galinária, na companhia de

um padre de grande virtude. Ali viveu durante algum tempo a alimentar-se apenas de raízes e ervas bravas. Um dia, sem dar por isso, acabou por comer heléboro, uma planta muito venenosa. Quando sentiu o veneno a espalhar-se pelo corpo e percebeu que estava às portas da morte, pôs-se a rezar com todas as forças: o perigo passou e as dores desapareceram por completo. Pouco depois, soube que o imperador, arrependido da decisão anterior, tinha autorizado Santo Hilário a voltar do exílio; Martinho pôs-se logo a caminho de Roma na esperança de o apanhar na viagem de regresso.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: A crise ariana e a ilha deserta de Martinho**
>
> Para percebermos porque é que Martinho foi **chicoteado em praça pública** nos Balcãs (a província do *Ilírico*, que abrangia a Panónia e parte das atuais Croácia e Sérvia) e expulso de **Milão**, temos de olhar para a maior polémica religiosa do século IV: o **Arianismo**.
>
> Ário, um padre de Alexandria, ensinava que Jesus Cristo não era Deus eterno igual ao Pai, mas sim a primeira e mais perfeita criatura criada por Deus. Apesar de o Concílio de Niceia (325) ter condenado essa ideia, o imperador **Constâncio II** tomou o partido dos bispos arianos: mandou para o exílio os bispos fiéis a Niceia (como Santo Hilário de Poitiers, desterrado para a atual Turquia em 356) e entregou sedes importantes, como a capital imperial de Milão, a bispos arianos como **Auxêncio**.
>
> Sem espaço nas cidades controladas pelos arianos, Martinho procurou refúgio na **Ilha Galinária** (*Isola Gallinara*), um pequeno ilhéu rochoso ao largo da Ligúria (perto de Albenga, no norte de Itália). Ali viveu como eremita a comer raízes silvestres — até ao dia em que confundiu uma raiz com **heléboro**, uma planta tóxica capaz de provocar paragem cardíaca.

CAPÍTULO VII

O mosteiro de Ligugé e o primeiro milagre: O catecúmeno que voltou à vida

Como Hilário já tinha passado por Roma quando lá chegou, Martinho seguiu-lhe os passos até Poitiers. Hilário recebeu-o com uma alegria imensa, e Martinho fundou pouco depois um pequeno mosteiro nos arredores da cidade. Não tardou a juntar-se a ele um jovem catecúmeno que queria aprender a viver segundo a orientação daquele mestre tão admirado; mas, passados poucos dias, o rapaz caiu de cama com uma febre altíssima.

Por infelicidade, Martinho tinha tido de sair em viagem e esteve fora três dias. Quando regressou, já o encontrou morto: a doença fora tão fulminante que o jovem partira sem sequer ter tido tempo de ser batizado. O corpo estava estendido no meio da sala, rodeado pelos monges em lágrimas a prepararem o funeral, quando Martinho entrou a correr, desfeito em choro.

Guiado por uma profunda inspiração interior, pediu a todos que saíssem da pequena cela onde estava o corpo, fechou a porta por dentro e deitou-se sobre o irmão sem vida. Ficou assim a rezar intensamente durante algum tempo até sentir, no fundo da alma, que a força de Deus estava a agir. Nessa altura, ergueu-se um pouco e ficou de olhos cravados no rosto do rapaz, à espera, cheio de confiança, do fruto da sua oração e da misericórdia do Senhor. Nem tinham passado duas horas quando viu o corpo começar devagarinho a mexer-se todo e as pálpebras a tremerem, abrindo-se outra vez para a luz. Comovido, Martinho desatou a agradecer a Deus em voz tão alta que os gritos de alegria encheram a cela inteira. Ao ouvirem aquilo, os monges que esperavam cá fora junto à porta correram logo lá para dentro — e ficaram sem palavras ao verem vivo aquele que tinham deixado morto!



No mosteiro de Ligugé — o mais antigo da Europa —, depois de duas horas de oração intensa de Martinho, o jovem catecúmeno que morrera sem batismo abre os olhos e volta à vida perante o espanto dos monges.

De volta à vida, o rapaz foi batizado logo a seguir e viveu ainda muitos anos, tornando-se entre nós a primeira testemunha viva dos milagres de Martinho. Ele próprio costumava contar o que lhe tinha acontecido depois de sair do corpo: fora levado à presença do Juiz supremo e, como ainda não era batizado, acabara de ouvir a dura sentença que o mandava para um lugar sombrio no meio de uma multidão anónima. Nesse instante, porém, dois anjos avisaram o Juiz de que era precisamente por aquele jovem que Martinho estava a rezar. Por ordem do Juiz, os mesmos anjos trouxeram-no de volta, entregaram-no a Martinho e devolveram-no à vida. A partir desse dia, a fama de Martinho espalhou-se por toda a parte: quem já era visto por todos como um homem santo

passou a ser admirado também pela força dos seus prodígios e comparado aos próprios Apóstolos.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: O mosteiro mais antigo da Europa e um relato de quase-morte no século IV**
>
> A pequena comunidade que Martinho criou perto de Poitiers por volta de **361** é **Ligugé** — considerado pelos historiadores **o mosteiro mais antigo da Europa Ocidental**, fundado mais de século e meio antes de São Bento!
>
> Repara em dois detalhes curiosos deste episódio:
>
> 1. **O gesto dos antigos profetas:** Quando Martinho fecha a porta do quarto e se deita sobre o rapaz falecido, está a repetir tal e qual o gesto dos profetas Elias (1 Reis 17, 21) e Eliseu (2 Reis 4, 34) no Antigo Testamento.
>
> 2. **O receio de morrer sem batismo:** Porque é que o jovem conta que o iam mandar para um «lugar sombrio» (*obscuris locis*)? Para os cristãos do século IV, morrer ainda como catecúmeno, antes do batismo, deixava a alma privada da plena entrada na luz — e esta descrição é também um dos relatos mais antigos na literatura ocidental daquilo a que hoje chamaríamos uma experiência de quase-morte.

CAPÍTULO VIII

O jovem escravo de Lupicino salvo da morte

Pouco tempo depois, ao passar pelas propriedades de Lupicino, um homem muito importante e bem colocado na sociedade, Martinho ouviu ao longe os gritos e o choro desesperado de uma multidão. Preocupado, aproximou-se da casa para perguntar o que se tinha passado e disseram-lhe que um jovem escravo da propriedade acabava de se suicidar por enforcamento.

Mal soube daquilo, Martinho entrou no pequeno quarto onde tinham posto o corpo, pediu a toda a gente que saísse, estendeu-se sobre o rapaz e ficou a rezar durante algum tempo. Pouco depois, a cor começou a voltar às faces do jovem e os olhos, já apagados, recuperaram o brilho e fixaram-se no rosto de Martinho. Fazendo um esforço lento para se erguer, o rapaz agarrou a mão direita de Martinho, pôs-se de pé e saiu pelo seu próprio pé, de mão dada com ele, até ao pátio da entrada, diante dos olhos incrédulos de toda aquela gente.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: A compaixão pelos mais frágeis nas grandes quintas romanas**
>
> Lupicino era aquilo a que os romanos chamavam um *vir honoratus* — um grande proprietário rural da aristocracia senatorial, dono de uma enorme quinta agrícola (*villa*) onde trabalhavam dezenas ou centenas de escravos (a *familia*, no sentido romano da palavra).
>
> O que torna este pequeno capítulo tão tocante é a reação de Martinho diante do suicídio de um pobre escravo (*servulus*). Enquanto nos séculos seguintes as leis da Igreja passariam a condenar o suicídio com enorme dureza, chegando a proibir o enterro cristão, Martinho não faz qualquer sermão nem tem receio de tocar num rapaz que pôs termo à vida em desespero: entra no quarto dele, reza sobre o seu corpo e traz-lhe o rapaz pela mão até ao pátio, à frente do patrão e de todos os criados da casa.

CAPÍTULO IX

O «rapto» para ser bispo de Tours e a humilhação do bispo Defensor

Mais ou menos por essa altura, o povo da Igreja de Tours começou a querer Martinho para seu bispo. Como sabiam que não ia ser nada fácil tirá-lo do mosteiro, um habitante de Tours chamado Rurício arranjou um estratagema: fingiu que tinha a mulher às portas da morte e, atirando-se de joelhos aos pés de Martinho, tanto implorou que o convenceu a sair consigo. Pelo caminho já estavam combinados vários grupos de moradores da cidade, que o rodearam na estrada e o levaram quase sob escolta até Tours.

À espera dele estava uma multidão impressionante, vinda não só de Tours como das terras vizinhas, para votar na escolha do novo bispo. Entre o povo não havia duas opiniões: toda a gente queria o mesmo e dizia a uma só voz que ninguém merecia mais ser bispo do que Martinho, e que feliz seria a diocese que tivesse à frente um homem daqueles. Havia, contudo, um pequeno grupo contra — incluindo alguns dos bispos chamados à cidade para a cerimónia de ordenação — que tentava travar a escolha a todo o custo. Diziam abertamente que Martinho não passava de uma figura sem categoria, que não tinha apresentação para ser bispo, que andava mal vestido, com a roupa suja e o cabelo despenteado. Mas o povo, com muito mais bom senso do que eles, riu-se da teimosia daqueles prelados que, ao tentarem rebaixar um homem tão admirável, só lhe estavam a fazer elogios. No fim, não tiveram outro remédio senão consagrá-lo, empurrados pela vontade popular e pelos planos de Deus.

Consta que, entre os bispos presentes, quem mais se bateu contra Martinho foi um que se chamava precisamente Defensor — e que nesse mesmo dia acabou humilhado em público por aquilo que todos viram

como um sinal profético. Aconteceu que o leitor encarregado de ler as Escrituras na cerimónia não conseguiu furar pelo meio da multidão e ficou retido cá fora. Enquanto os padres do altar esperavam, atrapalhados sem saber o que fazer, um dos presentes pegou no livro dos Salmos, abriu-o ao acaso e pôs-se a ler em voz alta o primeiro versículo que lhe apareceu à frente. E o Salmo dizia isto: *«Da boca das crianças e dos pequeninos fizeste sair um louvor perfeito contra os teus adversários, para derrotares o inimigo e o defensor.»*

Mal estas palavras soaram na igreja, o povo inteiro explodiu num grito imenso, deixando os opositores completamente desarmados e cheios de vergonha. Ninguém teve dúvidas de que aquele Salmo tinha saído por vontade de Deus para que o bispo Defensor ouvisse ali mesmo a condenação da sua intriga: pela voz da gente simples confirmava-se o louvor de Deus em Martinho e, ao mesmo tempo, caía a máscara ao adversário.

> **Contexto do Narrador: Eleições populares na igreja, bispos de alta roda e o trocadilho com «Defensor»**
>
> Estamos a **4 de julho de 371**, o dia em que Martinho foi sagrado bispo de Tours (*Caesarodunum Turonum*). Este episódio retrata na perfeição três aspetos muito vivos da Igreja do século IV:
>
> 1. **Como se elegia um bispo:** Na Antiguidade, os bispos não eram nomeados à distância por Roma; eram escolhidos diretamente em assembleia aberta pelos cristãos da cidade (*ad suffragia ferenda*), em conjunto com os padres locais e os bispos das dioceses vizinhas. Quando um monge muito querido pelo povo não queria aceitar o cargo, os habitantes recorriam por vezes a um «rapto amigável» — tal como fez Rurício!
>
> 2. **O choque entre os bispos finos e o monge despenteado:** Porque é que os outros bispos torceram o nariz à roupa gasta e ao cabelo comprido e desalinhado de Martinho? Porque, na segunda metade do século IV, ser bispo de uma cidade romana já era um lugar de grande prestígio social,

ocupado sobretudo por antigos senadores, altos funcionários e grandes proprietários habituados a túnicas impecáveis e às boas maneiras da aristocracia. Ver aparecer um eremita pobre, de barba e cabelo por cortar, feria todas as regras de etiqueta daquele grupo.

3. **A coincidência explosiva do Salmo 8, 3:** Porque é que a igreja inteira veio abaixo com aquela leitura? Nas traduções atuais da Bíblia, esse versículo traduz-se por «*para confundires o inimigo e o vingador*». Só que na *Vetus Latina* — a antiga tradução latina usada na Gália no tempo de Martinho —, a palavra usada para «vingador» era literalmente **defensorem** (*«ut destruas inimicum et defensorem»*)! Como o líder da oposição a Martinho se chamava **Defensor**, ouvir ler ao acaso *«para derrotares o inimigo e o Defensor»* soou a toda a gente como uma resposta direta de Deus com nome e apelido!

CAPÍTULO X

O bispo que vivia numa cabana de madeira: A fundação de Marmoutier

Depois de se tornar bispo, nem tenho palavras para descrever a grandeza de alma que Martinho revelou. Continuou a ser exatamente o mesmo homem que sempre fora: a mesma humildade de coração, a mesma pobreza na maneira de vestir. Cheio de autoridade natural e de graça, desempenhava em pleno as responsabilidades de bispo sem nunca abrir mão da vida simples e austera de monge.

Nos primeiros tempos ainda morou num pequeno quarto pegado à igreja da cidade. Mas, como não aguentava o corrupio constante de pessoas que lhe iam bater à porta, resolveu fundar um mosteiro a cerca de três quilómetros de Tours. O sítio era tão sossegado e escondido que parecia o próprio deserto: de um lado erguia-se a parede íngreme de uma falésia rochosa; do outro, o rio Loire abraçava a pequena planície com uma curva suave. Só havia um caminho para lá chegar, e mesmo esse era bem estreito.



A Abadia de Marmoutier, nos arredores de Tours: entre a escarpa de rocha calcária escavada em grutas e a curva do rio Loire, os discípulos mais novos dedicam-se a copiar manuscritos.

Martinho construiu para si uma simples cabana de madeira e ramos entrançados, e vários monges fizeram o mesmo; a maioria, porém, escavou o seu abrigo diretamente na rocha macia da encosta. Viviam ali oitenta discípulos, todos empenhados em seguir o exemplo do seu mestre. Ninguém era dono de nada; tudo pertencia a todos, e era proibido comprar ou vender fosse o que fosse, ao contrário do que já faziam muitos outros monges.

Ali ninguém exercia ofícios manuais, com uma única exceção: a cópia de livros — tarefa entregue aos mais novos, para que os mais velhos se pudessem dedicar a tempo inteiro à oração. Quase ninguém saía da sua cela, a não ser à hora de rezar em conjunto. Faziam todos uma única refeição em comum ao fim do dia, depois de terminado o jejum, e ninguém bebia vinho a menos que estivesse doente e precisasse dele como remédio. Quase todos vestiam túnicas ásperas de pelo de camelo; usar tecidos macios era considerado ali uma falta grave — o que

impressiona ainda mais se pensarmos que muitos daqueles monges vinham de famílias nobres, tinham sido criados no meio do conforto e escolheram por sua livre vontade esta vida dura e humilde. Mais tarde, vimos vários deles chegar a bispos; afinal, que cidade ou que diocese não sonhava ter à sua frente um padre formado no mosteiro de Martinho?

> **Contexto do Narrador: As grutas do rio Loire e o berço dos copistas medievais**
>
> O refúgio que Martinho criou a duas milhas romanas (cerca de 3 quilómetros) de Tours, entalado entre a encosta calcária e o rio Loire (*Liger*), viria a tornar-se a famosa Abadia de **Marmoutier** (*Maius Monasterium*). A rocha daquela margem do Loire é o *tuffeau*, um calcário branco e fácil de escavar onde ainda hoje se podem visitar as grutas abertas pelos monges de Martinho!
>
> Há neste capítulo dois detalhes com um impacto enorme na História europeia:
>
> 1. **A dedicação exclusiva à cópia de livros (*scriptores*):** Enquanto os monges dos desertos do Egito entrançavam cestos ou cordas para ganhar o pão, Martinho criou em Marmoutier uma regra nova no Ocidente: o único trabalho manual do mosteiro era **copiar livros à mão**. Ao pôr os monges mais jovens a transcrever manuscritos, Martinho lançou a semente dos futuros *scriptoria* medievais que haveriam de salvar grande parte da cultura antiga e cristã durante a queda do Império Romano.
>
> 2. **Um viveiro de novos bispos:** Ao atrair jovens da aristocracia romana (*nobiles*) para uma vida despojada e dedicada ao estudo das Escrituras, Marmoutier transformou-se numa autêntica escola espiritual de onde saíram muitos dos bispos que renovaram a Igreja na Gália.

CAPÍTULO XI

O falso mártir desmascarado: O espírito do criminoso junto ao altar

Passemos agora a outras coisas admiráveis que Martinho fez enquanto bispo. Não muito longe da cidade, bem perto do mosteiro, havia uma sepultura onde o povo se habituara a ir rezar convencido de que estavam ali enterrados mártires cristãos — a tal ponto que os bispos anteriores até lá tinham mandado levantar um altar.

Martinho, porém, não era homem para acreditar de ânimo leve em histórias mal contadas. Começou a perguntar aos padres e clérigos mais velhos da diocese quem fora afinal aquele mártir e em que altura morrera, confessando que lhe custava muito aceitar um culto sobre o qual os antigos não tinham deixado um único registo seguro. Durante algum tempo evitou mesmo pôr lá os pés: como não tinha certezas, não queria ofender a boa-fé das pessoas, mas também se recusava a dar cobertura oficial com a sua presença a uma devoção que podia não passar de superstição. Até que, um dia, resolveu ir ao local levado apenas por alguns monges.

Parou diante da campa e rezou a Deus, pedindo-Lhe que lhe mostrasse quem estava ali sepultado e que vida tinha levado. Mal virou a cabeça para o lado esquerdo, viu ali mesmo de pé um vulto escuro e de aspeto feroz. Martinho ordenou-lhe que dissesse como se chamava e o que tinha feito em vida. O espírito disse o nome e confessou tudo: fora um assaltante de estradas, executado pelos crimes que cometera, e estava a ser venerado por puro engano do povo desinformado; não tinha rigorosamente nada a ver com os mártires, porque enquanto estes estavam na glória de Deus, ele cumpria ali o seu castigo. O mais impressionante é que os monges que acompanhavam Martinho ouviam perfeitamente a voz a responder, embora não vissem ninguém.

Martinho contou-lhes então o que acabara de ver e mandou retirar imediatamente o altar daquele sítio, livrando a população de continuar enganada por aquela falsa devoção.

> **🎙️ Contexto do Narrador: O sentido crítico de Martinho e a febre das relíquias no século IV**
>
> No final do século IV, a devoção aos mártires cresceu em flecha por todo o Império Romano: todas as terras queriam ter o túmulo de um herói das antigas perseguições, e bastava aparecer uma sepultura antiga à beira de um caminho para o povo começar logo a fazer-lhe romarias.
>
> A atitude de Martinho é de uma lucidez espantosa para a época: em vez de fechar os olhos porque «fazia bem à fé do povo», comporta-se como um investigador exigente. Faz perguntas aos padres mais antigos, procura registos históricos — o nome do mártir e a data do martírio (*acta martyrum*) — e recusa validar um culto sem provas. Nota ainda um pormenor simbólico típico do mundo antigo: a sombra do criminoso aparece **à esquerda** (*ad laevam* — *sinistra* em latim), o lado que tanto na cultura romana como no Evangelho de São Mateus (25, 33) estava associado à condenação.

CAPÍTULO XII

O funeral pagão imobilizado no meio do campo

Algum tempo depois, numa das suas viagens pelo interior, Martinho cruzou-se ao longe com o funeral de um pagão, que seguia para o enterro rodeado de rituais supersticiosos. Como vinham ainda a mais de setecentos metros de distância, Martinho parou a tentar perceber que ajuntamento era aquele, sem conseguir distinguir bem ao longe o que se passava.

Viu, no entanto, que era um grupo grande de camponeses e reparou nuns lençóis de linho branco a esvoaçar ao vento por cima do que traziam aos ombros. Convenceu-se logo de que vinham a fazer uma procissão pagã, porque a gente do campo na Gália tinha o velho hábito de passear pelas terras as estátuas dos seus deuses tapadas com panos brancos.

Martinho levantou então a mão, fez o sinal da cruz na direção deles e ordenou-lhes que parassem onde estavam e pousassem no chão o que levavam. O que se viu a seguir foi extraordinário: primeiro, aqueles homens estacaram todos, imóveis como estátuas de pedra; a seguir, por mais força que fizessem para avançar, não conseguiam dar um único passo em frente e começaram a andar à roda sobre si próprios de uma maneira perfeitamente ridícula, até que, exaustos, não tiveram outro remédio senão pousar o corpo no chão. Perplexos, olhavam uns para os outros em silêncio sem perceber o que lhes estava a acontecer.

Entretanto, ao ver a cena mais de perto, Martinho percebeu que aquilo era apenas um cortejo fúnebre e não uma procissão de ídolos. Levantou outra vez a mão e deixou-os livres para pegarem no defunto e seguirem

caminho. E assim, quando quis, fê-los parar; e quando entendeu, deixou-os ir em paz.

> **Contexto do Narrador: De onde vem a palavra «pagão» e as procissões agrícolas na Gália**
>
> Este episódio — quase cómico na imagem dos homens às voltas sem conseguirem sair do mesmo sítio — ajuda a explicar a origem da própria palavra **pagão**!
>
> Em latim, uma aldeia ou distrito rural chamava-se *pagus*, e quem lá vivia era o *paganus* — o habitante do campo, o aldeão (a que Sulpício também chama *rusticus*). Enquanto o cristianismo se espalhou depressa pelas cidades romanas (*civitates*), nas zonas rurais da Gália os agricultores mantiveram durante muito tempo os velhos rituais celto-romanos. Um dos mais populares acontecia na primavera (parecido com as festas romanas das *Ambarvalia* e o culto de Cibele ou das antigas deusas-mães celtas): levavam em procissão à volta das searas imagens de divindades cobertas com panos de linho branco para pedir boas colheitas. À distância de 500 passos romanos (cerca de 740 metros), Martinho confundiu o lençol da mortalha com os véus de um desses cortejos agrícolas — mas, assim que viu que era apenas gente da aldeia a ir enterrar um morto, deixou-os seguir a sua vida.

CAPÍTULO XIII

O desafio do pinheiro sagrado: Amarrado debaixo da árvore a cair

Noutra ocasião, numa aldeia onde tinha acabado de demolir um templo pagão muito antigo, Martinho preparava-se para mandar abater também um grande pinheiro que ficava mesmo ao lado do santuário. Dessa vez, porém, o sacerdote pagão da terra e todos os habitantes saíram-lhe ao caminho. Por incrível que pareça, aquelas mesmas pessoas que, por vontade de Deus, tinham ficado quietas a ver deitar abaixo o templo de pedra, não admitiam de maneira nenhuma que se tocasse na árvore.

Martinho tentava explicar-lhes com paciência que um tronco de madeira não tinha nada de divino: que adorassem antes o Deus verdadeiro a quem ele servia, pois aquela árvore tinha de ir abaixo por estar consagrada a um falso espírito. Até que um dos aldeões, mais atrevido do que os outros, lhe lançou um desafio: «Se tens assim tanta confiança nesse Deus que dizes servir, fazemos um acordo: nós próprios cortamos a árvore, mas tu ficas debaixo dela a apará-la na queda! Se o teu Senhor estiver mesmo contigo, logo escapas vivo!»

Sem pestanejar e cheio de confiança em Deus, Martinho aceitou o trato. Ao ouvirem aquilo, os pagãos concordaram todos na hora: para eles, valia bem a pena perderem a sua árvore sagrada se, em troca, ela esmagasse na queda o homem que lhes andava a destruir os santuários.

Como o pinheiro já crescia bastante inclinado para um dos lados, ninguém tinha a mais pequena dúvida sobre o sítio exato onde ia cair. Os aldeões amarraram então Martinho e puseram-no precisamente no ponto que escolheram, mesmo debaixo da inclinação do tronco. Depois pegaram nos machados e começaram eles próprios a cortar o pinheiro,

cheios de entusiasmo e satisfação. À volta juntou-se um mar de gente a assistir de longe, em suspenso. Pouco a pouco, o enorme pinheiro começou a abanar e a estalar, prestes a vir por ali abaixo. Ao longe, os monges que acompanhavam Martinho ficaram brancos como a cal: cheios de pavor diante do perigo iminente, perderam toda a esperança e até a fé, convencidos de que iam ver Martinho morrer ali esmagado.

Ele, porém, manteve-se completamente sereno, entregue nas mãos do Senhor. E quando o tronco estalou com um estrondo e começou finalmente a tombar direito a ele, prestes a esmagá-lo, Martinho levantou a mão e traçou no ar o sinal da cruz. Nesse preciso instante — como se um pé de vento furioso lhe tivesse batido de frente —, o pinheiro guinou para trás e caiu para o lado oposto, quase apanhando debaixo dele os camponeses que se tinham posto no sítio que achavam mais seguro!



Amarrado pelos aldeões pagãos no sítio exato onde o enorme pinheiro sagrado ia tombar, Martinho ergue a mão em sinal da cruz e faz a árvore cair para o lado contrário.

Subiu logo ao ar uma gritaria imensa: os pagãos não queriam acreditar no que acabavam de ver, os monges desataram a chorar de alegria e toda a gente aclamava a uma só voz o nome de Cristo. Naquele dia ficou evidente que a fé tinha conquistado aquela terra: em toda aquela multidão quase não houve um único pagão que não viesse pedir a Martinho que lhe impusesse as mãos para se tornar catecúmeno, deixando para trás as velhas crenças para seguir o Senhor Jesus. A verdade é que, antes de Martinho lá chegar, quase ninguém naquela região era cristão; mas o impacto dos seus milagres e do seu exemplo foi tão grande que hoje não há por ali aldeia nenhuma que não tenha igrejas cheias de gente ou mosteiros. É que, sempre que deitava abaixo

um santuário pagão, Martinho fazia questão de construir logo no mesmo lugar uma igreja ou um pequeno mosteiro.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: Porque é que os gauleses defendiam mais um pinheiro do que um templo de pedra?**
>
> Reparaste num pormenor curioso logo no início deste capítulo? A população da aldeia deixou demolir o templo de pedra sem reagir, mas quando Martinho quis cortar o **pinheiro** esteve quase para o matar! Porquê?
>
> A explicação vem da antiga religião dos Celtas (os Gauleses): antes da chegada dos romanos, os Celtas não rezavam dentro de edifícios fechados; para eles, a verdadeira morada dos deuses eram as árvores centenárias e os bosques sagrados (*nemora*). O templo de pedra não passava de uma moda trazida pelos romanos, mas aquele velho pinheiro era a alma religiosa da aldeia!
>
> Repara também na honestidade desarmante de Sulpício Severo, que não esconde o pânico dos próprios monges de Martinho a tremerem ao longe, tendo perdido «toda a esperança e até a fé». E repara na última frase do capítulo: este hábito de Martinho de erguer uma capela ou um mosteiro exatamente no lugar dos antigos santuários e árvores sagradas esteve na origem da rede de paróquias rurais por toda a Europa!

CAPÍTULO XIV

O fogo que recuou contra o vento e os dois anjos armados em Levroux

Por essa mesma altura, num caso parecido, Martinho protagonizou outro acontecimento impressionante. Numa aldeia onde tinha pegado fogo a um santuário pagão muito antigo e afamado, o vento começou a empurrar as labaredas diretamente para uma casa vizinha que ficava encostada ao templo. Assim que viu o perigo, Martinho trepou a correr para cima do telhado da casa e pôs-se mesmo em frente das chamas que avançavam. O que aconteceu a seguir deixou toda a gente de boca aberta: viu-se o fogo dobrar-se para trás, contra a própria direção do vento, como se as forças da natureza estivessem a lutar umas contra as outras! Desse modo, graças à intervenção de Martinho, o incêndio consumiu apenas o que devia arder e deixou a casa intacta.

Noutra terra, chamada Levroux, Martinho tentou também demolir um grande templo muito rico e rodeado de enorme devoção pagã, mas juntou-se contra ele uma multidão furiosa que o expulsou do local à força de insultos e pancada. Martinho recolheu-se então num sítio ali perto e passou três dias seguidos vestido com uma túnica áspera de penitência e coberto de cinza, sem comer e sempre a rezar, pedindo a Deus que, já que mãos humanas não tinham conseguido deitar abaixo aquele santuário, fosse o próprio poder divino a fazê-lo.

Ao fim desses três dias, apareceram-lhe de repente dois anjos de lança e escudo na mão, como soldados do exército celeste. Disseram-lhe que vinham mandados pelo Senhor para afugentar a multidão e protegê-lo enquanto o templo fosse demolido: podia voltar descansado à aldeia e terminar o que tinha começado, porque ninguém lhe ia tocar.

Martinho regressou logo a Levroux e, diante dos olhos de toda aquela população pagã — que ficou parada a olhar, completamente incapaz de reagir —, arrasou o santuário até aos alicerces e desfez em pedaços os altares e as estátuas todas. Percebendo que só uma força divina os podia ter deixado assim paralisados e cheios de temor sem conseguirem impedir o bispo, quase todos os habitantes da terra se converteram a Jesus Cristo, proclamando em voz alta que só o Deus de Martinho merecia ser adorado e que aqueles ídolos, que nem a si próprios se sabiam defender, não valiam nada.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: Salvar a casa do vizinho e o grande santuário de Levroux**
>
> A antiga povoação de *Leprosum* corresponde hoje à cidade de **Levroux**, no centro de França (região do Berry), onde as escavações arqueológicas confirmaram a existência de um grande centro religioso galo-romano.
>
> Vale a pena reparar em dois traços muito reveladores da maneira de agir de Martinho:
>
> 1. **Combater o ídolo, proteger as pessoas:** No primeiro episódio, mal vê o vento atirar as chamas do templo para o telhado de colmo ou madeira da casa ao lado, Martinho arrisca a própria pele subindo para cima do telhado a arder para que o vizinho não ficasse sem casa.
>
> 2. **Penitência em vez de tropa:** Quando é corrido de Levroux à pancada, Martinho não vai pedir soldados às autoridades romanas para impor a lei à força (como já faziam vários bispos do seu tempo). Prefere retirar-se três dias em jejum, vestido com o **cilício** (uma túnica áspera de pelo de cabra ou camelo usada sobre a pele) e com cinza na cabeça, tal como faziam os antigos profetas da Bíblia.

CAPÍTULO XV

O pescoço descoberto diante da espada na terra dos Éduos

Quero contar também o que se passou na região dos Éduos. Enquanto Martinho mandava deitar abaixo um templo local, um bando enfurecido de camponeses pagãos atirou-se a ele. Um deles, mais impulsivo do que os outros, puxou da espada e avançou direito a Martinho para o matar. Sem recuar um passo, Martinho afastou o manto dos ombros e estendeu-lhe o pescoço descoberto. O homem nem hesitou em dar o golpe; mas, no exato momento em que levantou o braço bem alto para descarregar a espada, desequilibrou-se, caiu redondo de costas no chão e, cheio de um pavor inexplicável, desatou a pedir perdão.

Muito parecido com este foi outro caso: um homem tentou esfaqueá-lo com um facalhão enquanto ele partia umas estátuas pagãs, mas no instante em que ia espetar a lâmina, o ferro saltou-lhe das mãos e desapareceu sem deixar rasto.

Na maior parte das vezes, contudo, quando as populações rurais o tentavam impedir de demolir os seus santuários, Martinho falava-lhes com tanta bondade e convicção que lhes desarmava o coração — e, abrindo-lhes os olhos para a verdade, acabavam por ser os próprios habitantes a deitar abaixo os seus templos.

> **Contexto do Narrador: A terra dos Éduos e a força da palavra**
>
> O território dos **Éduos** (*pagus Aeduorum*) ficava na atual **Borgonha**, em torno da cidade de Autun (a antiga *Augustodunum*). Os Éduos eram um dos povos gauleses mais antigos e orgulhosos, famosos desde o tempo de Júlio César e com raízes druídicas muito profundas.
>
> Repara bem na última frase deste capítulo, que muitas vezes passa despercebida: Sulpício faz questão de esclarecer que, apesar destes

momentos tensos com espadas e facas de talhante (*culter*), *«na maior parte das vezes»* (*plerumque*) Martinho não vencia a resistência das aldeias pela força, mas pela conversa paciente e pela pregação, até serem os próprios moradores a desmontar os velhos altares.

CAPÍTULO XVI

A rapariga paralítica curada em Tréveris com azeite abençoado

Quanto ao dom de curar os doentes, tinha em Martinho uma força tão extraordinária que quase ninguém lhe ia pedir ajuda sem sair de lá curado na hora — como se vê bem pelo caso que vou contar a seguir.

Na cidade de Tréveris vivia uma rapariga atingida por uma paralisia tão grave que já há muito tempo não mexia um único músculo do corpo: estava praticamente morta da cabeça aos pés e mal se percebia que ainda respirava. A família juntara-se toda à volta da cama em lágrimas, já só à espera do desenlace para tratar do funeral, quando correu na cidade a notícia de que Martinho acabava de chegar a Tréveris. Assim que ouviu falar nisso, o pai da jovem saiu de casa a correr, quase sem fôlego, para lhe ir pedir socorro pela filha.

Nessa altura, Martinho já tinha entrado na igreja. Ali mesmo, à frente do povo todo e de muitos outros bispos, o velho pai atirou-se ao chão, abraçou-se aos joelhos dele e implorou a chorar convulsivamente: «A minha filha está a morrer de uma doença terrível e — pior ainda do que a própria morte — já só lhe resta um fio de respiração num corpo que já parece morto! Peço-te por tudo que vás lá a casa e lhe dês a tua bênção, porque tenho uma fé absoluta de que por tua mão ela vai ficar boa!»

Atrapalhado com semelhante pedido em público, Martinho tentou recuar, muito embaraçado: dizia que aquilo ultrapassava por completo as suas forças, que o pobre homem estava enganado a seu respeito e que ele não tinha mérito nenhum para que Deus fizesse por seu intermédio um milagre daqueles. Mas o pai não o largava, chorando cada vez mais e insistindo para que fosse ver a filha antes que ela morresse. Por fim, até os outros bispos presentes insistiram com Martinho para que fosse, e ele

lá acabou por ir a casa da rapariga. Cá fora, à porta, juntou-se uma multidão imensa para ver o que o homem de Deus ia fazer.

Primeiro, recorrendo às suas armas do costume nestas ocasiões, Martinho ajoelhou-se até tocar com a testa no chão e ficou a rezar. A seguir, olhou para a rapariga e pediu um pouco de azeite; abençoou-o e deitou-lhe algumas gotas daquele líquido sagrado na boca — e no mesmo instante ela recuperou a fala. Depois, pouco a pouco, à medida que Martinho lhe tocava, os braços e as pernas foram ganhando vida outra vez, até que a jovem se pôs de pé com passo firme diante do povo inteiro.

> **Contexto do Narrador: Tréveris, a capital imperial, e a bênção do azeite**
>
> A história passa-se aqui em **Tréveris** (*Augusta Treverorum*, a atual cidade alemã de **Trier**). No século IV, Tréveris não era uma cidade qualquer: era a **capital do Império Romano do Ocidente**, onde morava o Imperador e funcionava a corte imperial. É por isso que vemos Martinho na igreja rodeado de «muitos outros bispos», vindos de várias províncias para tratar de assuntos das suas dioceses junto do palácio.
>
> Para quem estuda a história das tradições cristãs, este episódio é também um documento muito valioso: é um dos testemunhos mais antigos no Ocidente da bênção do azeite (*oleum*) por um bispo para curar doentes graves — um gesto inspirado na Carta de São Tiago (5, 14) que está na origem do atual sacramento da Unção dos Doentes.

CAPÍTULO XVII

O antigo procônsul Tetrádio e os dedos de Martinho na boca de um possesso

Por essa mesma altura, um escravo de Tetrádio, antigo procônsul e figura de grande peso político, caiu num estado violento de possessão que o fazia sofrer horrores. Vieram pedir a Martinho que lhe impusesse as mãos para o curar, e ele disse que lhe trouxessem o rapaz. Só que ninguém conseguia tirá-lo do quarto onde estava fechado: atirava-se com tal fúria, a tentar morder quem quer que abrisse a porta, que ninguém se atrevia a chegar perto dele.

Tetrádio foi então pessoalmente atirar-se de joelhos aos pés de Martinho, suplicando-lhe que fosse ele à sua casa acudir ao rapaz. Martinho respondeu-lhe que não podia entrar em casa de um pagão — porque Tetrádio, naquela altura, ainda seguia a religião tradicional romana. O antigo procônsul prometeu-lhe logo ali que, se o espírito maligno saísse daquele escravo, ele próprio se faria cristão. Martinho foi então lá a casa, pousou a mão sobre a cabeça do jovem e libertou-o imediatamente daquele tormento. Ao ver aquilo com os seus próprios olhos, Tetrádio cumpriu a palavra: acreditou no Senhor Jesus, inscreveu-se logo como catecúmeno, foi batizado pouco depois e ficou toda a vida com uma gratidão e uma estima imensas por Martinho, a quem via como o responsável pela sua salvação.

Nesses mesmos dias e na mesma cidade, ao entrar em casa de outro senhor, Martinho travou a fundo logo à porta e avisou que estava a ver um demónio medonho no pátio interior. Mal lhe ordenou que se fosse embora dali, o espírito entrou no corpo de um criado que estava nas traseiras da casa, na cozinha. O pobre homem perdeu completamente a cabeça e desatou aos gritos, a ranger os dentes e a morder com violência

toda a gente que lhe aparecia à frente. Instalou-se o caos na casa inteira: os outros criados entraram em pânico e toda a gente fugiu para a rua.

Martinho avançou direito ao homem enfurecido e começou por lhe ordenar que ficasse quieto. Como o outro continuava a ranger os dentes e escancarava a boca a ameaçar arrancá-lo à dentada, Martinho meteu-lhe os próprios dedos dentro da boca e desafiou-o: «Se tens assim tanto poder, trinca-os!» Como se lhe tivessem encostado um ferro em brasa à garganta, o possesso encolheu logo os maxilares o mais para trás que conseguia para nem sequer raspar nos dedos de Martinho. E como os castigos divinos o obrigavam a abandonar aquele corpo, mas já não podia sair pela boca, o espírito imundo acabou expelido numa descarga violenta dos intestinos, deixando no chão um rasto imundo.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: Um alto senador romano e o realismo sem filtros da Antiguidade**
>
> Há dois pormenores muito curiosos neste capítulo:
>
> 1. **Tetrádio, um *vir proconsularis*:** Ter estatuto «proconsular» significava pertencer ao topo do Senado romano e já ter governado uma grande província do Império. Ao recusar num primeiro momento entrar em casa de um pagão (lembrando o diálogo inicial de Jesus com a mulher cananeia ou com o centurião nos Evangelhos), Martinho leva aquele orgulhoso aristocrata a dar um passo pessoal de fé — e tudo isto para salvar um simples escravo da casa!
>
> 2. **O realismo cru do segundo exorcismo:** Quem lê hoje este capítulo fica muitas vezes surpreendido com o fecho tão gráfico do episódio! Para a mentalidade religiosa do século IV, como os dedos consagrados do bispo tinham estado dentro da boca do criado, o espírito maligno já não podia sair por uma passagem que ficara abençoada — e por isso Sulpício conta, sem qualquer rodeio, que teve de sair «por baixo», através de uma forte crise intestinal (*fluxu ventris*).

CAPÍTULO XVIII

O boato falso da invasão bárbara, o beijo ao leproso em Paris e os fios da túnica

Noutra ocasião, espalhou-se de repente pela cidade o boato de que os povos bárbaros se estavam a movimentar para atacar, lançando toda a população no pânico. Martinho mandou então chamar à igreja um homem possesso e ordenou ao espírito que dissesse toda a verdade sobre aquela notícia. Ele acabou por confessar que tinham sido dez demónios juntos a pôr aquele rumor a circular pelas ruas, na esperança de que o susto levasse Martinho a fugir da cidade; quanto aos bárbaros, nem sequer lhes passava pela cabeça atacar. Depois desta confissão feita em voz alta no meio da igreja, a cidade inteira respirou de alívio e recuperou o sossego.

Já em Paris, quando Martinho atravessava uma das portas da muralha rodeado por uma multidão enorme, apareceu um leproso com o rosto completamente desfigurado pela doença. Enquanto toda a gente recuava cheia de repulsa, Martinho foi direito a ele, deu-lhe um beijo na cara e abençoou-o. O homem ficou curado naquele instante e, logo no dia seguinte, apareceu na igreja com a pele limpa e sã, a agradecer a Deus a saúde que recuperara.



À entrada das portas de Paris (Lutécia dos Parísios), enquanto a multidão se afasta cheia de horror, o bispo Martinho aproxima-se de um leproso de rosto desfigurado e dá-lhe um beijo com ternura.

Também não posso deixar de referir que até simples fios puxados da sua roupa ou da sua túnica de pelo de camelo curaram inúmeras vezes pessoas doentes: bastava atá-los à volta dos dedos ou trazê-los ao pescoço para afastar as doenças de quem sofria.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: Boatos de guerra no século IV e o beijo às portas de Paris**
>
> Este capítulo junta dois episódios muito expressivos:
>
> 1. **Guerra de boatos na fronteira romana:** Na Gália de finais do século IV, sem comunicações rápidas, bastava correr a conversa de que tribos germânicas tinham passado o Reno para uma cidade inteira entrar em

debandada. Martinho usa um interrogatório em plena igreja para desmascarar o boato falso e acalmar toda a população!

2. **«Apud Parisios» — O nascimento do nome de Paris:** Repara na expressão latina que Sulpício usa para situar a cena: *apud Parisios* («na terra dos Parísios»). Estamos mesmo no momento histórico em que o antigo nome romano de *Lutécia* cai em desuso para dar lugar ao nome da tribo gaulesa local — **Paris**! A porta da muralha onde Martinho beijou o leproso ficava à entrada da *Île de la Cité*, bem perto de onde hoje se ergue a Catedral de Notre-Dame. Numa sociedade onde a lepra metia pavor e os leprosos eram enxotados à pedrada, ver um bispo abraçar e beijar na face um homem desfigurado ficou gravado para sempre na memória da cidade.

CAPÍTULO XIX

A carta que curou a filha de Arbório, os olhos de Paulino de Nola e a queda das escadas

Arbório, antigo prefeito romano e homem de fé muito profunda e sincera, tinha uma filha em casa a definhar com crises terríveis de febre quartã. Calhou receber por esses dias uma carta escrita por Martinho; no exato momento em que a febre começou outra vez a subir na rapariga, o pai pousou-lhe a carta sobre o peito e, naquele mesmo segundo, a febre baixou e nunca mais voltou. Arbório ficou tão impressionado com o que vira que decidiu logo ali consagrar a filha a Deus, numa vida de castidade para sempre. Pôs-se então a caminho para ir ter com Martinho, levou consigo a jovem — prova viva de que ele a curara mesmo à distância — e fez questão absoluta de que fosse o próprio Martinho, e mais ninguém, a entregar-lhe o véu das virgens consagradas.

Já Paulino — um homem que mais tarde se tornaria um exemplo extraordinário de vida cristã para toda a gente — começou a sofrer de dores horríveis num olho, a ponto de se lhe formar uma névoa espessa sobre a pupila que o estava a cegar. Martinho passou-lhe suavemente pelo olho um pequeno pincel médico, tirou-lhe todas as dores num instante e devolveu-lhe a vista perfeita como dantes.

Quanto ao próprio Martinho, teve um dia o azar de cair de um andar de cima e rebolar por umas escadas partidas e cheias de degraus tortos, ficando todo ferido e pisado da cabeça aos pés. Estava estendido na cela quase às portas da morte, cheio de dores insuportáveis, quando durante a noite lhe apareceu um anjo a lavar-lhe as feridas e a espalhar um bálsamo suave pelo corpo todo maltratado. Na manhã seguinte, Martinho levantou-se tão bem disposto e recomposto que nem parecia ter dado queda nenhuma.

Mas se me pusesse aqui a contar os casos todos um por um, nunca mais saíamos daqui; fiquemos por estes poucos exemplos escolhidos no meio de tantos outros. Chegam bem para mostrar a verdade sobre o que de mais admirável aconteceu, sem maçar quem nos lê com histórias a mais.

> **Contexto do Narrador: Malária, problemas de visão e dois grandes nomes da aristocracia romana**
>
> Cruzamo-nos aqui com duas personalidades históricas muito bem conhecidas através de outras fontes da época:
>
> 1. **Magno Arbório e a «febre quartã»:** Arbório era um alto governante imperial (*vir praefectorius*, prefeito em Roma por volta de 379–380) e sobrinho do famoso poeta Ausónio, de Bordéus. A «febre quartã» que atacara a filha era uma variante grave de **malária** (*Plasmodium malariae*), caracterizada por picos violentos de febre e arrepios que voltavam de três em três dias (a cada «quarto dia» na maneira romana de contar, que incluía o primeiro e o último dia).
>
> 2. **São Paulino de Nola (354–431):** O «Paulino» curado de uma lesão grave na vista (provavelmente uma úlcera na córnea ou catarata traumática, tocada com um *peniculus*, pequena esponja ou pincel usado pelos médicos antigos) é nada menos do que **Pôncio Merópio Paulino**, riquíssimo senador natural de Bordéus, governador da Campânia e o melhor amigo do nosso autor, Sulpício Severo! O próprio Paulino deixou relato desta cura nos seus textos; pouco depois, vendeu a sua imensa fortuna para dar aos pobres e foi viver para Nola, no sul de Itália, tornando-se um dos maiores poetas cristãos da Antiguidade.

CAPÍTULO XX

O banquete do imperador Magno Máximo: A taça passada ao padre antes do imperador

Passo agora a um episódio que pode parecer mais pequeno ao pé de milagres tão grandes — embora, nos tempos degradados e corruptos que hoje vivemos, ver um bispo não se dobrar à bajulação da corte imperial seja quase um milagre maior do que todos os outros! Quando imensos bispos vindos de várias províncias se juntaram na corte do imperador Máximo — um homem duro e cheio de soberba depois de ter ganho a guerra civil —, metia pena ver a forma servil como todos lhe faziam a vontade, rebaixando a dignidade de bispos ao papel de meros aduladores do poder. Só Martinho manteve intacta a postura firme de um Apóstolo! Mesmo quando tinha de pedir ao imperador clemência por alguém, falava com tal autoridade que mais parecia dar uma ordem do que pedir um favor. E por mais que Máximo o convidasse para jantar consigo à mesa imperial, Martinho recusava sempre, dizendo sem rodeios que não se podia sentar à mesa de um homem que tinha afastado dois imperadores legítimos — tirando o trono a um e a própria vida ao outro.

Máximo lá tentou justificar-se por todos os meios: garantiu-lhe que não tinha tomado o poder por ambição pessoal, mas que fora empurrado pelos soldados, por vontade de Deus, a governar e a defender-se pelas armas; acrescentou que uma vitória tão rápida como a sua só podia ter a mão de Deus por trás, e que nenhum dos seus inimigos tinha sido morto fora do campo de batalha. Tanto insistiu, entre justificações e pedidos, que Martinho acabou por aceitar ir ao jantar — deixando o imperador radiante por finalmente o ter convencido.

O banquete parecia um grande dia de festa e juntava à mesa as maiores figuras do Império: estava lá Evódio, prefeito e cônsul ao mesmo tempo,

um dos homens mais justos que alguma vez existiram; e estavam também dois condes com altíssimos poderes militares, que eram o irmão e o tio paterno do imperador. No meio destes dois últimos sentaram o padre que acompanhava Martinho; já o próprio Martinho ficou sentado num banquinho baixo colocado mesmo ao lado do lugar do imperador.

A meio do jantar, como mandava o protocolo da corte, o criado das bebidas trouxe uma taça de vinho ao imperador. Cheio de deferência, Máximo mandou que a levassem primeiro ao santo bispo, pois fazia imensa questão de receber depois a taça diretamente das mãos de Martinho. Só que Martinho, depois de beber um golo, estendeu a taça ao padre que vinha consigo! Entendia que ninguém naquela sala tinha maior dignidade para beber logo a seguir a um bispo, e que trairia a sua consciência se pusesse o próprio imperador ou os seus familiares à frente de um sacerdote.



No banquete imperial de Tréveris, sentado num pequeno banco ao lado do imperador Magno Máximo, Martinho bebe da taça real e passa-a primeiro ao padre que o acompanhava antes de a dar ao soberano, perante o espanto da corte.

Por incrível que pareça, tanto o imperador como todos os convidados ficaram tão impressionados com aquela liberdade de espírito que gostaram precisamente do gesto que os tinha deixado para segundo plano! Em pouco tempo não se falava de outra coisa no palácio inteiro: à mesa do próprio imperador, Martinho tivera a coragem de fazer aquilo que nenhum outro bispo se atrevia a fazer nem sequer em jantares de governadores de segunda linha.

Mais tarde, e muito antes de a guerra rebentar, Martinho avisou esse mesmo Máximo do que lhe ia acontecer se avançasse com o plano de invadir Itália para atacar o jovem imperador Valentiniano: ganhar-lhe-ia a primeira batalha, mas morreria pouco tempo depois. E foi tal e qual o que nós próprios vimos acontecer: mal Máximo entrou em Itália, Valentiniano teve de fugir; mas, passado cerca de um ano, reorganizou o

exército, cercou Máximo dentro das muralhas de Aquileia, prendeu-o e mandou-o executar.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: Alta política romana e a quebra de protocolo em Tréveris**
>
> Passada no palácio imperial de Tréveris por volta de **385 ou 386**, esta cena é um dos momentos mais célebres da relação entre o poder político e a Igreja na Antiguidade:
>
> 1. **Quem eram os «dois imperadores» de quem Martinho falou? Magno Máximo** era um general natural da Hispânia proclamado imperador pelas tropas da Britânia em 383. Atravessou o Canal da Mancha, derrotou e mandou matar o jovem imperador legítimo **Graciano** (*a quem tirou a vida*) e pôs sob pressão o meio-irmão deste, o adolescente **Valentiniano II** (*a quem tirou parte do Império*). Todas as figuras sentadas à mesa são históricas: **Flávio Evódio** foi Prefeito do Pretório da Gália e Cônsul romano no ano de 386.
>
> 2. **O escândalo da taça (*patera*):** Nas regras rígidas da corte imperial, beber primeiro da taça do Imperador e devolver-lha em mão era a maior distinção que um convidado podia receber. Ao passar a taça ao seu simples padre (*presbyter*), passando por cima do Imperador, do Cônsul e dos Condes imperiais, Martinho afirmou sem dizer uma palavra que as coisas do espírito não se vergam diante do poder militar ou político.
>
> 3. **O que tinha ido Martinho fazer à corte de Máximo?** Através de outro livro de Sulpício Severo (a *Crónica*), sabemos que Martinho tinha ido a Tréveris tentar salvar da morte o bispo hispânico Prisciliano e os seus discípulos, acusados de heresia por outros bispos intrigantes — batendo-se até ao limite para impedir que o Estado executasse pessoas por questões religiosas.

CAPÍTULO XXI

Conversas com os anjos e o Diabo com o corno de boi cheio de sangue

Sabe-se também ao certo que Martinho via muitas vezes anjos, chegando mesmo a conversar diretamente com eles. Quanto ao Diabo, via-o com tanta clareza à sua frente que este nunca lhe conseguia passar despercebido, quer aparecesse tal como era, quer assumisse os mais variados disfarces para fazer o mal. Percebendo que não havia truque capaz de enganar Martinho, o Diabo vingava-se aparecendo a torto e a direito só para o insultar, já que não lhe conseguia armar ciladas.

Um dia, entrou de rompante pela cela de Martinho a soltar um urro medonho, trazendo na mão direita, toda suja de sangue, um corno de boi ensanguentado. Todo contente com a desgraça que acabara de provocar, gritou-lhe: «Onde está agora o teu poder, Martinho? Acabei de matar um dos teus!»

Martinho chamou imediatamente os monges, contou-lhes o que o Diabo tinha acabado de dizer e mandou-os correr as celas todas uma a uma para ver quem faltava ou a quem tinha acontecido alguma infelicidade. Voltaram pouco depois a dizer que os monges estavam todos bem, mas que um camponês contratado ao dia para trazer lenha numa carroça tinha ido de manhã para a mata. Martinho pediu logo a alguns irmãos que fossem à procura dele a toda a pressa. Não muito longe do mosteiro, deram com o pobre homem estendido no chão, já quase morto. Com o pouco fôlego que ainda lhe restava, explicou aos monges o que se tinha passado: quando estava a apertar melhor as correias de couro que se tinham alargado na junta de bois, um dos animais sacudiu a cabeça com força e espetou-lhe um corno na virilha. Poucos instantes depois, acabou por morrer.

Cabe a cada leitor refletir sobre as razões pelas quais Deus permitiu que o Diabo tivesse mão numa desgraça destas. O que espantava em Martinho era a clareza com que, tanto neste caso como em muitos outros parecidos, ele sabia das coisas muito antes de acontecerem ou recebia logo aviso interior para contar aos irmãos o que se estava a passar à distância.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: O jornaleiro da lenha e a franqueza de Sulpício perante a tragédia**
>
> Há dois detalhes humanos muito bonitos neste capítulo:
>
> 1. **«Um dos teus»:** Como os monges de Marmoutier viviam recolhidos em oração (e os mais novos passavam os dias a copiar livros), o mosteiro contratava trabalhadores rurais da zona (*mercede conducti*, pagos à jorna) para irem buscar lenha ao bosque em carros de bois. Mesmo não sendo monge, aquele humilde trabalhador fazia parte da família espiritual de Martinho.
>
> 2. **Sem respostas fáceis para o sofrimento:** Diante da morte trágica daquele homem num acidente de trabalho, Sulpício Severo não tenta inventar uma lição moralista nem culpar a vítima. Tem a honestidade de deixar a pergunta em aberto: *«Cabe a cada leitor refletir sobre as razões pelas quais Deus permitiu que o Diabo tivesse mão numa desgraça destas»* (*Viderit is, quo judicio Domini...*).

CAPÍTULO XXII

Os disfarces de Júpiter, Mercúrio e Vénus — e a promessa de perdão ao próprio Diabo

Muitas outras vezes, tentando apanhar o santo em falso com mil artimanhas, o Diabo aparecia-lhe diante dos olhos sob as aparências mais diversas: ora tomava a figura de Júpiter, muitas mais vezes a de Mercúrio, e não era raro surgir também com as feições de Vénus ou de Minerva. Sem nunca perder a serenidade, Martinho defendia-se sempre com o sinal da cruz e com a oração.

Ouviam-se também com frequência bandos de demónios a insultá-lo aos gritos de forma insolente; mas, como sabia que tudo aquilo não passava de mentiras sem pés nem cabeça, Martinho nem ligava às acusações. Alguns monges contavam até ter ouvido certa vez um demónio interpelar Martinho em tom arrogante, perguntando-lhe porque é que tinha aceitado no mosteiro alguns irmãos que, no passado, tinham manchado a graça do batismo com graves erros e pecados antes de se arrependerem — e punha-se a desfiar um por um os pecados antigos de cada um deles.

Diziam esses monges que Martinho lhe respondeu a pés juntos que os erros do passado ficam limpos quando alguém muda sinceramente de vida e que, pela misericórdia de Deus, quem deixa de pecar tem direito ao perdão. Quando o Diabo contrapôs que os grandes pecadores não merecem clemência e que Deus não volta a perdoar quem cai depois do batismo, conta-se que Martinho lhe deu esta resposta extraordinária:

«Se tu próprio, infeliz, deixasses de perseguir a humanidade e te arrependesses do mal que fizeste, mesmo agora que o dia do Juízo Final já está tão perto, eu tinha tanta confiança no Senhor Jesus Cristo que te prometia a ti o perdão de Deus!»

Que admirável ousadia de confiança na bondade de Deus! Mesmo sem ter autoridade para garantir semelhante promessa, Martinho mostrou nessas palavras a imensidão do seu coração. E já que estamos a falar do Diabo e das suas ciladas, vale a pena contar aqui um episódio passado ali bem perto: mesmo não tendo acontecido diretamente com Martinho, revela bem a sua força espiritual e merece ficar registado para que toda a gente fique de sobreaviso se algum dia aparecer um caso parecido.

> **Contexto do Narrador: Os velhos deuses romanos e a frase mais ousada de São Martinho**
>
> Este capítulo guarda dois momentos marcantes da espiritualidade do século IV:
>
> 1. **Júpiter, Mercúrio, Vénus e Minerva:** Para os cristãos da Antiguidade, os deuses do panteão romano não eram apenas figuras poéticas da mitologia; eram vistos como forças espirituais enganadoras que usavam aquelas máscaras para tentar as pessoas — Júpiter através da ambição do poder, Mercúrio pela manha e pelo dinheiro, Vénus pela sedução e Minerva pela vaidade intelectual.
>
> 2. **Prometer o perdão ao próprio Satanás:** Na altura de Martinho, existiam setores muito rígidos dentro da Igreja que defendiam que quem cometesse um pecado grave depois de ser batizado nunca mais podia ser perdoado. Martinho não só acolhe de braços abertos no mosteiro homens com um passado difícil, como vai ao ponto de dizer ao próprio Diabo que até ele seria perdoado por Cristo se se arrependesse! Era uma afirmação tão ousada da misericórdia infinita de Deus (próxima do pensamento do teólogo Orígenes) que Sulpício Severo sente necessidade de deixar logo uma ressalva prudente para os leitores mais ortodoxos: *«Mesmo sem ter autoridade para garantir semelhante promessa, Martinho mostrou nessas palavras a imensidão do seu coração.»*

CAPÍTULO XXIII

A história de Claro, o falso profeta Anatólio e a túnica que se desfez no ar

Havia um jovem de uma família muito ilustre chamado Claro — que mais tarde foi ordenado padre e hoje descansa na paz de Deus depois de uma morte santa — que tinha deixado tudo para trás para ir viver junto de Martinho, alcançando depressa uma fé profunda e uma vida exemplar. Claro erguera uma pequena ermida perto do mosteiro do bispo, onde já viviam com ele vários monges. Um dia, bateu-lhes à porta um rapaz chamado Anatólio: dizia-se monge, fazia-se passar pela pessoa mais humilde e inocente do mundo e acabou por ficar lá a viver em comunidade com os outros.

Passado algum tempo, começou a contar aos companheiros que recebia visitas habituais de anjos que vinham conversar com ele. Como ninguém acreditava naquilo, arranjou maneira de impressionar vários monges com uns quantos fenómenos estranhos. Daí a pouco já garantia abertamente que os anjos andavam num vaivém constante com recados entre ele e Deus, exigindo ser tratado como um verdadeiro profeta. Claro, no entanto, nunca se deixou enganar. Furioso por não o conseguir convencer, Anatólio começou a ameaçá-lo com a fúria de Deus e com castigos iminentes por duvidar da palavra de um santo.

Por fim, saiu-se um dia com este anúncio solene: «Fiquem a saber que esta noite o Senhor me vai mandar do Céu uma túnica branca! Amanhã vou passear com ela vestida no meio de vocês, e terão aí a prova de que trago em mim o poder de Deus, vestido com uma roupa vinda das mãos do próprio Deus!»

Escusado será dizer que toda a comunidade ficou num alvoroço à espera do que ia acontecer. Ora, por volta da meia-noite, o mosteiro inteiro

pareceu abanar até aos alicerces, como se houvesse gente aos saltos com força no chão. Da cela de Anatólio saíam clarões seguidos de luz viva, acompanhados pelo barulho de passos apressados de um lado para o outro e por um murmúrio confuso de muitas vozes. De repente fez-se silêncio; Anatólio abriu a porta, cá fora chamou um dos monges, chamado Sabácio, e mostrou-lhe a túnica que trazia vestida.

De boca aberta, Sabácio correu a acordar os restantes. O próprio Claro veio logo ver o que se passava, trouxeram uma candeia acesa e puseram-se todos a examinar a roupa ao pormenor. O tecido era de uma suavidade extraordinária, branquíssimo e debruado com faixas de púrpura brilhante — mas por mais que olhassem, ninguém conseguia perceber de que fibra ou de que lã era feito. Ainda assim, tanto à vista como ao toque dos dedos, parecia sem sombra de dúvida uma túnica verdadeira.

Prudente, Claro pediu aos irmãos que passassem o resto da noite a rezar para que Deus lhes mostrasse com clareza o que estava por trás daquilo; e assim ficaram até de madrugada a cantar hinos e salmos. Mal rompeu o sol, Claro agarrou Anatólio pela mão direita decidido a levá-lo à presença de Martinho, bem certo de que nenhuma manha do Diabo conseguiria enganar os olhos do bispo. Nesse instante, o infeliz entrou em pânico: começou a fincar os pés e a gritar que tinha ordens expressas do Céu para não aparecer à frente de Martinho! E quando os outros monges o agarraram para o levar à força, a túnica desfez-se no ar num abrir e fechar de olhos, mesmo entre as mãos de quem o segurava.

Quem poderá duvidar de que também aqui se viu a força espiritual de Martinho, a ponto de o Diabo nem sequer conseguir manter de pé o seu embuste quando percebeu que ia ter de enfrentar o olhar do bispo?

🎙️ Contexto do Narrador: Vaidade escondida e a túnica dos senadores romanos

Claro (*Clarus*) foi um dos discípulos mais queridos de Martinho (viria a morrer poucos dias antes do mestre, em novembro de 397, e Sulpício recordou-o com enorme emoção nas suas cartas). Repara num detalhe revelador da túnica «celeste» de Anatólio: era *«branquíssima e debruada com faixas de púrpura brilhante»* (*candore eximio, micanti purpura*). Na sociedade romana, a túnica branca com listas de púrpura (*tunica laticlavia*) era o traje exclusivo dos senadores e altos magistrados!

Ou seja, mesmo fechado num mosteiro pobre, o desejo reprimido de importância de Anatólio traía-se ao imaginar que Deus o vestia como um senador romano. E repara como se tira tudo a limpo em Marmoutier: nem a vista nem as mãos dos monges à luz da candeia conseguiram apanhar a ilusão, mas bastou a perspetiva de encarar o olhar calmo e lúcido de Martinho para toda a encenação ruir!

CAPÍTULO XXIV

Os falsos Cristos na Hispânia e o Diabo vestido de Imperador: «Não reconhecerei Cristo sem as marcas da Cruz»

Por sinal, reparou-se que por esses mesmos anos apareceu na Hispânia um jovem que, depois de ganhar fama entre o povo com vários prodígios, ficou tão cheio de vaidade que começou por dizer que era o profeta Elias. Como muita gente acreditou nele sem fazer perguntas, deu mais um passo e pôs-se a declarar que era o próprio Cristo — enganando tanta gente que até um bispo chamado Rufo se ajoelhou a adorá-lo como se fosse o Senhor, escândalo que mais tarde lhe custou o cargo de bispo. Vários irmãos contaram-nos também que, exatamente na mesma altura, surgira no Oriente outro homem a afirmar que era São João. Ao ver aparecer falsos profetas deste género por todo o lado, percebe-se bem que não deve faltar muito para a chegada do Anticristo, que já vai preparando terreno através destas figuras.

Mas não posso deixar de contar aqui com que subtileza o Diabo tentou enganar o próprio Martinho por essa mesma época. Um dia, enquanto Martinho rezava sozinho na sua cela, apareceu-lhe de pé uma figura banhada e rodeada por um clarão de luz purpúrea — pensado ao pormenor para encandear quem olhasse com aquele brilho falso. Trazia vestido um manto imperial, na cabeça uma coroa de ouro cravejada de pedras preciosas, nos pés sapatos revestidos a ouro, e apresentava um ar tão sereno e um sorriso tão luminoso que parecia tudo menos o Diabo.

Ao dar de caras com aquela aparição deslumbrante, Martinho ficou no primeiro instante sem reação, e durante um bom bocado ninguém disse uma palavra. Acabou por ser o Diabo a quebrar o silêncio: «Reconhece, Martinho, quem está aqui à tua frente! Eu sou Cristo: como estou prestes a descer à terra, quis aparecer-te a ti em primeiro lugar.»

Martinho continuou calado, sem lhe responder nada. O Diabo voltou então à carga, ainda mais atrevido: «Martinho, porque hesitas em acreditar, se me estás a ver com os teus próprios olhos? Eu sou Cristo!»

Nessa altura, iluminado interiormente pelo Espírito Santo para perceber que tinha diante de si o Diabo e não o Senhor, Martinho respondeu-lhe: «O Senhor Jesus nunca disse que voltaria vestido de púrpura e com uma coroa real na cabeça. Eu nunca acreditarei que Cristo veio se não O vir com a aparência e as feições com que sofreu na paixão, trazendo no corpo as marcas da Cruz!»



Na penumbra da sua cela, diante do Diabo envolto em luz purpúrea, manto real, sapatos dourados e coroa de pedras preciosas, Martinho responde: «Eu nunca acreditarei que Cristo veio se não O vir com a aparência com que sofreu na paixão, trazendo no corpo as marcas da Cruz!»

Mal ouviu estas palavras, a figura desfez-se num segundo como fumo, deixando a cela impregnada de um cheiro tão nauseabundo que não restou a menor dúvida de que era mesmo o Diabo. E para que ninguém pense que isto é uma lenda inventada, digo já que ouvi esta história, tal e qual como a acabo de contar, da própria boca de Martinho.

> **Contexto do Narrador: O ponto mais alto do livro — Contra um Cristo vestido de Imperador**
>
> Para muitos historiadores e pensadores, este Capítulo XXIV — contado diretamente por Martinho a Sulpício Severo — é a página mais profunda e atual de toda a biografia.
>
> Repara primeiro na menção à **Hispânia** (a atual Península Ibérica): no final do século IV vivia-se um clima intenso de fim do mundo nas províncias ibéricas, ao ponto de um bispo local chamado Rufo se ter deixado levar por um charlatão que se dizia Cristo.
>
> Mas repara acima de tudo **na roupa que o Diabo escolhe para se fazer passar por Jesus**: manto de púrpura (*vestis regia*), diadema de ouro e pedras preciosas (*diadema*) e calçado coberto de ouro (*calcei auro illiti*). Peça por peça, era a farda de gala dos Imperadores Romanos do século IV! À medida que o Império se tornava oficialmente cristão, muitos bispos habituados aos palácios começavam a imaginar Cristo como um Monarca Imperial cheio de ouro e triunfo terreno. A resposta de Martinho atravessa os séculos como um relâmpago: um Cristo cheio de luxo e poder, desligado dos que sofrem e sem as feridas da Cruz, é uma falsificação. Para Martinho, o verdadeiro rosto de Cristo continua a ser o daquele homem pobre e cheio de frio a quem deu metade da capa às portas de Amiens.

CAPÍTULO XXV

A visita do Autor a São Martinho: O bispo que lavou os pés ao seu biógrafo

De facto, há muito tempo que eu ouvia falar da fé, da maneira de viver e da força interior de Martinho, e trazia cá dentro uma vontade imensa de o conhecer pessoalmente; por isso, fiz-me à estrada com enorme alegria numa viagem propositada para o ir visitar. E como já alimentava o desejo de escrever a sua biografia, aproveitei para lhe perguntar diretamente uma parte das coisas — até onde a modéstia dele me deixava perguntar — e recolhi o resto junto de quem tinha assistido aos episódios ou sabia deles em primeira mão.

Nem dá para acreditar na humildade e no carinho com que ele me recebeu nessa altura! Ficou sinceramente comovido e cheio de alegria no Senhor ao ver que tínhamos por ele tanta estima que nos tínhamos metido ao caminho de propósito só para o ver. Pobre pecador que eu sou — quase tenho vergonha de o contar! —: depois de nos fazer a honra de nos convidar para comer à sua mesa, foi ele próprio quem me deitou água nas mãos antes da refeição; e, ao cair da tarde, ajoelhou-se ele mesmo para nos lavar os pés! Nem tive coragem de recusar ou de o impedir: impunha-se nele uma autoridade moral tão grande que desobedecer-lhe me pareceu quase uma falta grave.



Ao fim da tarde em Marmoutier, o idoso bispo Martinho ajoelha-se no chão de pedra para lavar com as suas próprias mãos os pés cansados da viagem do seu biógrafo e amigo, Sulpício Severo.

Em todas as conversas que teve connosco, só nos falava de uma coisa: de como era preciso largar as ilusões do mundo e os pesos desta vida para seguirmos o Senhor Jesus de mãos livres e coração leve. E dava-nos uma e outra vez, como o melhor exemplo vivo dos nossos dias, o grande Paulino — de quem falei há pouco —, que vendera propriedades sem fim para seguir a Cristo e fora quase o único homem da nossa geração a cumprir à letra tudo o que o Evangelho pede. Era para ele que devíamos olhar, insistia Martinho, era o caminho dele que devíamos seguir! Dizia que o nosso tempo tinha a enorme sorte de contar com uma prova viva de tamanha fé e coragem: ao vender tudo para dar aos pobres como Jesus pedira, um homem riquíssimo como Paulino

mostrara na prática que era possível fazer aquilo que toda a gente achava impossível.

E que firmeza, que nobreza havia nas palavras e na conversa de Martinho! Que lucidez impressionante, que rapidez e que clareza tinha para explicar as passagens mais difíceis da Bíblia! Como sei que há muita gente cética quanto a isto — eu próprio vi pessoas torcerem o nariz mesmo quando era eu a contar-lhes —, juro diante de Jesus e da fé que partilhamos que nunca na minha vida ouvi da boca de ninguém tanta sabedoria, tanta inteligência nem um falar tão claro e tão limpo. É certo que, ao pé da grandeza moral de Martinho, elogiar a maneira como falava até parece pouca coisa; mas não deixa de ser espantoso que a um homem que nunca andou em grandes escolas não lhe faltasse sequer esse dom.

> **Contexto do Narrador: Quando a visita muda a vida de quem escreve**
>
> Neste capítulo, o próprio **Sulpício Severo** entra na história em primeira pessoa! Entre **394 e 396 d.C.**, Sulpício — na altura um jovem viúvo de uma família muito rica da Aquitânia, formado em Direito e Oratória em Bordéus — viajou até Tours para conhecer o velho bispo Martinho (que já teria cerca de 60 ou 80 anos).
>
> Para um aristocrata romano, chegar de viagem e ver o dono da casa — ainda para mais um bispo venerado — ajoelhar-se no chão para lhe tirar o pó das sandálias e lhe lavar os pés (serviço reservado aos escravos mais humildes!) foi um abalo interior que lhe mudou a vida para sempre: regressado a casa, também Sulpício deixou a carreira pública para fundar uma comunidade religiosa nas suas terras de Primuliacum.
>
> Repara também na defesa apaixonada que Sulpício faz da inteligência de Martinho: os bispos elitistas da Gália olhavam para ele de alto por ser um *homo illiteratus* — um «homem sem letras», ou seja, um ex-militar crescido nos quartéis que não tinha estudado retórica clássica nas grandes escolas romanas. Sulpício, que era um dos escritores mais brilhantes do seu tempo, faz questão de jurar aos leitores que nunca ouvira ninguém exprimir-se com

> tanta clareza, pureza de linguagem e profundidade como aquele velho soldado!

CAPÍTULO XXVI

O retrato interior: A bigorna do ferreiro e a paciência com os seus próprios padres

Este livro aproxima-se do fim e está na altura de concluir — não por já não haver mais nada para contar sobre Martinho, mas porque eu próprio, como aqueles maus poetas que perdem o fôlego na reta final da obra, me sinto esmagado pela grandeza do tema.

É que, se os episódios visíveis da sua vida ainda se conseguem pôr em palavras mal ou bem, já a sua vida interior, o seu dia a dia silencioso e aquele coração permanentemente ligado a Deus, digo-o com toda a franqueza: não há palavras humanas que cheguem para os descrever. Aquela constância tranquila e equilibrada nos jejuns, aquela resistência nas noites passadas em claro a rezar como se fosse dia, sem desperdiçar um único minuto longe do serviço de Deus, sem nunca cair na preguiça nem se perder em assuntos mundanos, comendo e dormindo apenas o mínimo indispensável para o corpo aguentar de pé — confesso sem exagero que nem que o próprio Homero, como se costuma dizer, voltasse do mundo dos mortos, conseguiria retratar tudo isto como merece, de tal maneira a vida de Martinho ultrapassa o que cabe num livro.

Não passava uma única hora nem um breve instante sem estar a rezar ou mergulhado na leitura; aliás, mesmo quando lia ou tinha outra tarefa qualquer entre mãos, nunca desligava o coração da oração. Fazia lembrar o gesto habitual dos ferreiros que, enquanto moldam o ferro em brasa, dão de vez em quando uma pancada leve na bigorna vazia para descansar o braço sem perder o ritmo: também Martinho, mesmo quando parecia ocupado a tratar de outros assuntos, continuava sempre a rezar por dentro.

Que homem extraordinário e luminoso, incapaz de fingimento ou de maldade! Nunca condenava ninguém, nunca pagava na mesma moeda a quem lhe fazia mal. Tinha ganho uma paciência tão grande perante as ofensas que, apesar de ser o bispo da diocese, até os clérigos de escalão mais baixo lhe faltavam muitas vezes ao respeito sem que nada lhes acontecesse: nunca por causa disso afastou nenhum do seu lugar nem deixou de os tratar com todo o carinho.

> 🎙️ **Contexto do Narrador: O compasso da bigorna e os insultos dentro da própria igreja**
>
> Este capítulo deixa-nos uma das imagens mais bonitas da literatura antiga: a **bigorna do ferreiro** (*incus fabrorum*). Nas forjas antigas (e ainda nas oficinas tradicionais até há bem pouco tempo!), enquanto o ferreiro voltava a peça de ferro na forja com a tenaz, deixava o martelo dar um toque solto e ritmado diretamente no ferro da bigorna para não quebrar a cadência do braço. Para Sulpício, rezar não era em Martinho uma tarefa à parte: era a batida constante do coração no meio da vida inteira.
>
> E quem eram esses «clérigos de escalão mais baixo» (*infimi clerici*) que ofendiam Martinho dentro da própria diocese de Tours sem que ele os castigasse? O caso mais célebre (contado mais tarde por Sulpício nos seus *Diálogos*) era o de um jovem padre chamado **Brício** (*Brice*), que troçava em voz alta das visões e da roupa pobre de Martinho. Quando os monges indignados pediram ao bispo que o pusesse na rua, Martinho respondeu apenas: *«Se Cristo suportou Judas, porque não hei de eu suportar Brício?»* — e acrescentou que um dia Brício se arrependeria e viria a suceder-lhe como bispo de Tours, o que de facto aconteceu logo em 397!

CAPÍTULO XXVII

Conclusão: Um rosto luminoso e a resposta aos bispos invejosos

Nunca ninguém viu Martinho perder as estribeiras, nunca ninguém o viu descontrolado, abatido pela tristeza ou desmanchado às gargalhadas: era sempre o mesmo homem sereno, com uma alegria tão luminosa estampada no rosto que parecia viver já para lá da condição humana. Nos seus lábios só andava o nome de Cristo; no seu coração não cabia outra coisa que não fosse bondade, paz e compaixão. Muitas vezes chegava mesmo a chorar pelos pecados daqueles que diziam cobras e lagartos dele pelas costas e que, enquanto ele vivia quieto no seu canto sem fazer mal a ninguém, o mordiam com línguas venenosas de víbora.

A verdade é que nós próprios chegámos a conhecer alguns desses homens cheios de inveja da vida e da integridade dele — gente que detestava ver em Martinho as qualidades que não tinha em si nem coragem para imitar. E o mais triste e vergonhoso — até custa escrevê-lo! — é que esses poucos perseguidores eram quase todos bispos! Mas não vale a pena dizer aqui os nomes deles, por mais que andem para aí a ladrar à nossa volta: chega bem que, se algum deles ler estas páginas e vir que a carapuça lhe serve, fique cheio de vergonha; porque, se desatar aos gritos e ficar furioso, estará a confessar sozinho que era dele que estávamos a falar — quando se calhar até tínhamos outros em mente!

De resto, se houver gente dessa laia que nos passe a odiar também a nós por defendermos um homem como Martinho, aceitamos essa hostilidade como uma honra. Tenho a certeza absoluta de que este pequeno livro vai dar alegria a todas as pessoas de bem e de fé sincera. Quanto aos outros, se alguém ler estas páginas com má vontade e descrença, lá se avenha com a sua consciência. Da minha parte, fico de

consciência bem tranquila: escrevi este livro movido apenas pela certeza do que averiguei e pelo amor a Cristo, contei factos bem comprovados e disse a verdade. E espero bem que Deus tenha guardada uma recompensa não apenas para quem ler esta história, mas sobretudo para quem se deixar tocar por ela e acreditar.

> **Contexto do Narrador: Um livro escrito para defender um homem que ainda estava vivo**
>
> Chegámos à última linha da obra de Sulpício Severo — e há aqui um facto extraordinário: quando Sulpício pousa a pena no fim deste Capítulo XXVII, nos primeiros meses do ano **397**, **São Martinho ainda era vivo!**
>
> É por isso que estes capítulos finais falam dele no presente: o livro nasceu como uma defesa apaixonada de Martinho contra os bispos mundanos da Gália que o desprezavam nos corredores do poder. Repara na ironia fina da estocada final — digna de um grande advogado de barra: Sulpício não escreve o nome de nenhum bispo invejoso para que, se algum deles protestar em público ao ler o livro, acabe por enfiar a carapuça à frente de toda a gente!

EPÍLOGO DO NARRADOR

O que aconteceu a seguir: A morte de São Martinho e a origem do 11 de Novembro

Porque é que o livro de Sulpício Severo acaba sem contar a morte de São Martinho? Pela razão mais simples de todas: quando o manuscrito ficou pronto e seguiu para casa de Desidério, na primavera ou no verão de 397, Martinho ainda andava a pé pelas estradas da Gália.

O fim da sua caminhada, porém, estava mesmo ao virar da esquina — e foi o próprio Sulpício Severo quem o contou pouco tempo depois em três cartas inesquecíveis (as *Cartas a Eusébio, ao diácono Aurélio e à sua sogra Bássula*).

Nos finais de outubro ou primeiros dias de novembro desse mesmo ano de **397**, já muito gasto pelos anos, Martinho soube que os padres da paróquia de **Candes** (hoje *Candes-Saint-Martin*, onde o rio Vienne desagua no Loire) andavam zangados uns com os outros. Fiel ao seu princípio de nunca deixar um conflito por sanar, meteu-se logo a caminho para fazer as pazes entre eles.

Depois de conseguir reconciliar o clero de Candes, quando já se preparava para regressar ao seu querido mosteiro de Marmoutier, sentiu de repente as forças faltarem-lhe, derrubado por uma febre muito forte. Os discípulos rodearam-lhe a enxerga lavados em lágrimas: *«Pai, porque nos vais deixar? A quem nos entregas, órfãos como ficamos? Lobos ferozes vão cair em cima do teu rebanho!»* Dividido entre a vontade de partir finalmente para Deus e a pena de deixar os seus monges desamparados, Martinho disse então uma das frases mais famosas da sua vida: **«Senhor, se o teu povo ainda precisa de mim, não recuso o trabalho (*non recuso laborem*); faça-se a tua vontade.»**

Nos últimos dias de febre, nem sequer consentiu que lhe pusessem um simples enxergão de palha por baixo do corpo: fez questão de morrer estendido de costas no chão sobre uma camada de **cinza e uma túnica áspera de penitência**, dizendo aos discípulos: *«Um cristão não deve morrer doutra maneira senão sobre a cinza.»* Quando os padres o quiseram virar um pouco de lado para lhe aliviar as dores do corpo, pediu-lhes: *«Deixem-me, irmãos, deixem-me ficar a olhar mais para o céu do que para a terra, para que o meu espírito se vá já habituando ao caminho que vai fazer até ao Senhor.»* Já nos instantes finais, sentindo a presença do Diabo parado ao pé dele, enfrentou-o pela última vez: *«Que estás aqui a fazer, fera cruel? Não vais encontrar nada de teu em mim, maldito: vou ser acolhido nos braços de Abraão!»* E assim partiu em paz, no dia **8 de novembro de 397**.

O corpo foi levado de barco pelo rio Loire acima até à cidade de **Tours**, acompanhado por uma multidão nunca vista — Sulpício conta que só monges eram perto de dois mil, além de inúmeras mulheres consagradas e das populações inteiras das vilas e aldeias que caminhavam pelas margens a cantar salmos à passagem da barca.



Manhã de novembro de 397 no rio Loire: a barca que leva o corpo de São Martinho desde Candes até Tours é acompanhada nas duas margens por milhares de monges e populares de tochas na mão, sob a luz dourada do «Verão de São Martinho».

O enterro solene em Tours realizou-se três dias depois, a **11 de novembro de 397**. Foi exatamente essa data — o dia em que o corpo de Martinho desceu à terra às portas do inverno europeu, na altura em que terminavam os trabalhos do campo, se provava o vinho novo nas adegas e se assavam as castanhas da época — que ficou gravada para sempre na memória da Europa inteira como o **Dia de São Martinho**.

Sobre esta edição digital ilustrada

Esta edição em Português de Portugal contemporâneo apresenta de forma integral, fluida e acessível a obra latina original de **Sulpício Severo**, *De vita beati Martini* (*Patrologia Latina*, Tomo 20, ed. J. P. Migne, 1845 / Wikisource).

Além da versão contemporânea de todos os 27 capítulos e da Carta Dedicatória a Desidério, o livro inclui 14 ilustrações (um mapa histórico e 13 pinturas históricas) e notas do Narrador sobre o contexto histórico, social, geográfico e espiritual do final do século IV.

Licença do texto-fonte da Wikisource: Creative Commons Attribution-ShareAlike 3.0 Unported / GNU FDL.